



Os primórdios da república e a imprensa sul-rio-grandense: dois estudos de caso

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

73



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Os primórdios da república e a imprensa sul-rio-grandense: dois estudos de caso



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Os primórdios da república e a imprensa sul-rio-grandense: dois estudos de caso



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Os primórdios da república e a imprensa sul-riograndense: dois estudos de caso
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 73
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Julho de 2024

ISBN – 978-65-5306-007-4

CAPA: BISTURI. Rio Grande, 9 abr. 1893.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

A dama do barrete frígio na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul/11

O primeiro aniversário da república em uma revista acadêmica gaúcha: o espaço da escrita feminina/111

A dama do barrete frígio na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul

No Brasil, a perspectiva de representar a forma de governo republicana por uma dama de barrete frígio acompanhou o pensamento antimonárquico desde a época da aspiração, passando pela instauração e depois da afirmação do novo regime. Tal representação da mulher-república tivera a sua gênese no processo revolucionário francês da virada do século XVIII para o XIX e dos vários focos de revolta que se seguiram na França ao longo dos Oitocentos, de modo que em tais frentes revolucionárias francesas, a alegoria viria a se consolidar. Como símbolo de luta e protesto, significava não só república, mas também e, mais frequentemente, liberdade, mormente entre grupos mais progressistas que se consideravam como liberais, revolucionários, patriotas ou republicanos, uma vez que, naqueles tempos longínquos, tais valores foram, se não equivalentes, pelo menos próximos e muitas vezes unidos, como nos casos das batalhas travadas de 1800 a 1848. Com o passar do tempo e as alternâncias de regime, a república revolucionária, a mais autêntica do ponto de vista progressista, mas a mais subversiva na perspectiva conservadora, por ser representada em movimento, ardente, juvenil, seminua, passava a dar

lugar à república oficial, sábia e conservadora, legal e legalista, utilizando, ao contrário, traje e postura solene, com ar sério, mais matrona do que amazona, sendo deixado de lado até mesmo o barrete frígio. No início dos anos 1870, com a Comuna de Paris, a república renascia definitivamente, com a sua panóplia de emblema, estabelecendo-se uma enxurrada de barretes frígios, enquanto os mais moderados, futuros mestres da Terceira República, coroavam os bustos com louros. E, já ao final do século XIX, a figura da mulher-república permanecia com algumas variações em suas representações notadamente quanto ao penteado e ao uso do barrete, da coroa ou do diadema, vindo a adquirir certa sobriedade nas feições e na indumentária¹.

Nesse quadro, um dos pontos marcantes do imaginário republicano francês foi o uso da alegoria feminina para representar a república, uma vez que a monarquia fora simbolizada naturalmente pela figura do rei, que, eventualmente, designava a própria nação. Uma vez derrubada a forma monárquica e decapitado o rei, novos símbolos faziam-se necessários para preencher o vazio, para designar as novas ideias e ideais, como a revolução, a liberdade, a república e a própria pátria. Dentre os tantos símbolos e alegorias, em geral inspirados na tradição clássica, ganhou relevo o da figura feminina, de maneira que, da Primeira à Terceira República, a alegoria feminina domina a simbologia cívica francesa, representando seja a liberdade, seja a revolução, seja a república. Os republicanos brasileiros de orientação francesa tinham assim grande riqueza de

¹ AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne – les visages de la République*. Paris: Gallimand, 1992. p. 24-25, 31, 35 e 46-47.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

imagens e símbolos em que se inspirar, ainda que enfrentassem certas dificuldades, como no caso da ínfima participação feminina no processo de instauração da república. Nesse sentido, o esforço inicial foi feito pelos caricaturistas da imprensa periódica, a grande maioria simpática aos ideais republicanos. Mesmo antes da proclamação, apareceram representações femininas, normalmente vestidas à romana, descalças ou de sandálias, barrete frígio e geralmente com a nova bandeira em uma das mãos².

Nessa linha, a força do modelo estético feminino percorreu todo o século XIX³, época em que elementos constitutivos das sociedades e conceitos abstratos foram representados por meio de personificação estabelecida a partir de figuras usualmente femininas⁴. O sentido imagético pode ultrapassar a ele próprio, com o desencadear de palavras, de uma ideia ou de um discurso interior, partindo da imagem que é o seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada. Nesse caso se encontram as imagens simbólicas e convencionais, que procuram exprimir noções abstratas, as quais recorrem ao símbolo e, conseqüentemente, à boa vontade interpretativa do leitor⁵. No campo simbólico, a

² CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 75 e 78-80.

³ COSTA, Cristina. *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: SENAC, 2002. p. 106.

⁴ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017. p. 96.

⁵ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 123-124.

figura feminina conserva implicações diversificadas, trazendo consigo as conotações correspondentes a cada uma de suas formas essenciais, em todas as alegorias baseadas na personificação⁶. Em tal sentido, a mulher-símbolo carrega em si a aspiração e a transcendência, nas quais se manifestam o vestígio mais experimental do domínio dos indivíduos por uma corrente vital extremamente vasta, bem como uma energia eminentemente apta a aperfeiçoar-se e enriquecer-se de mil matizes, reportando-se, em pensamento, para múltiplos objetos. Assim, o feminino simboliza a face atraente e unitiva dos seres⁷.

Na imprensa ilustrada e humorística brasileira a mulher-república foi uma representação bastante recorrente. Prevaleceu a imagem idealizada da dama republicana, como a mulher vestida à romana, ou mesmo adquirindo um ar de divindade, uma verdadeira deusa-republicana, em geral apresentada como uma figura alada, permanecendo na maioria das vezes a presença do barrete frígio. Em alguns casos, entretanto, os atos autoritários, os desmandos, a corrupção, o clientelismo e o continuísmo político-partidário situacionista, entre outros fatores, que levaram ao desgaste de governos e governantes, viriam a promover certas alterações das imagens da república-mulher. Dessa maneira, a república quando não era representada pela abstração, clássica ou romântica, era apresentada na versão da mulher corrompida, tornando-se uma *res*

⁶ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 391.

⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 421.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

publica, no sentido em que a prostituta era uma mulher pública. Nesse sentido, a alegoria feminina falhava dos dois lados, ou seja, no significado, no qual a república se mostrava longe dos sonhos de seus idealizadores, e também no significante, no qual inexistia a mulher cívica, tanto na realidade como em sua representação artística. Desse modo, a única maneira em que fazia sentido utilizar tal alegoria era aproximar uma república considerada falsificada com a de uma figura feminil corrompida ou pervertida⁸.

Os periódicos caricatos, ainda que tivessem uma pauta predominantemente calcada no humor, na ironia e na crítica, suas seivas editoriais, não deixavam de também desenvolver uma prática joco-séria, uma vez que a execução do humor pode ser divertida e séria ao mesmo tempo, reproduzindo assim uma qualidade vital da condição humana, pois o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas, vindo a oferecer um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura⁹. Nesse quadro, o humor age a partir de um processo de resolução de conflitos, trazendo consigo o resultado de uma batalha entre os sentimentos e os pensamentos, a qual só pode ser compreendida ao se reconhecer o que

⁸ CARVALHO, p. 89 e 96.

⁹ DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

causou o conflito, ou seja, o humor às vezes é a única forma de lidar com o turbilhão da vida¹⁰.

Nas páginas das publicações ilustradas e humorísticas, as divergências quanto aos caminhos e descaminhos em direção aquilo que cada grupo em disputa considerou como uma “verdadeira república” apareceram de modo indelével. Tal gênero jornalístico serviria como mecanismo de divulgação e propagação dos mais variados ideais quanto aos modelos a serem empregados na afirmação da forma de governo instaurada a 15 de novembro de 1889, em um constante processo de construção/desconstrução discursiva e de representações iconográficas entre aliados e adversários no que tange às diversas ideias então em voga¹¹. O presente estudo pretende abordar tais experiências com a imagem da dama do barrete frígio no século XIX, expressa por meio de periódicos caricatos fluminenses e sul-rio-grandenses.

¹⁰ SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 9.

¹¹ ALVES, Francisco das Neves. Alegórica república – a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. In: *Comunicação & política*, v. 9, n. 3, set. – dez. 2002, p. 228.

A dama do barrete frígio em três publicações ilustradas e humorísticas do Rio de Janeiro: da aspiração à decepção

O Rio de Janeiro, além de capital imperial e republicana, exercendo o papel de centro administrativo do país, constituiu o epicentro cultural brasileiro. Em termos jornalísticos tal característica se fez extremamente presente, servindo o contexto carioca como modelo para as tendências de jornalismo que se espalhava pelas principais localidades brasileiras. Em meio aos mais variados gêneros de periodismo, um que ganhou destaque foi o da imprensa ilustrada e humorística voltada à divulgação da arte caricatural, o qual caiu no gosto dos brasileiros, fundamentalmente por associar o texto à imagem e por seu estilo crítico e opinativo¹². Foram diversos os títulos de periódicos caricatos que circularam no Rio de Janeiro, e este estudo aborda três deles, *O Mequetrefe*, a *Revista Ilustrada* e o *Dom Quixote*, nos quais a representação imagética feminina para a forma de governo republicana constituiu uma recorrência.

¹² Sobre tal gênero jornalístico, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

O *Mequetrefe* foi um periódico ilustrado e humorístico que circulou no Rio de Janeiro de 1875 a 1892, demarcando uma existência significativa para o seu padrão. Tal publicação contou com a colaboração de alguns dos principais caricaturistas do seu tempo. Em seu espírito, não se afastava das revistas congêneres, malhando sempre, impiedosamente, com verve e sarcasmo, os políticos e o clero, figuras antigas, familiares do lápis utilizado pelo caricaturista¹³. Em suas páginas também houve a participação de escritores de destaque na redação de seus textos¹⁴. Na comparação com as folhas do mesmo gênero, teve uma linguagem caracterizada por picardia e síntese, com a escolha de textos curtos e mais diretos, havendo menos humor de salão, chistes e jogos de palavras, de modo que a redação ia mais direto ao grão, evitando as palhas. Assim, havia uma ironia predominante, com a consciência do valor da leitura ligeira, evitando-se meandros para dizer algo que poderia ser enunciado de modo simples. Quanto à parte iconográfica, a folha buscou dar maior variedade aos temas comentados¹⁵. Os ideais antimonárquicos foram largamente defendidos pelo periódico carioca, chegando a própria figura que representava a sua redação a utilizar o barrete frígio (O MEQUETREFE, 25 fev. 1875).

A *Revista Ilustrada* foi uma das mais importantes publicações ilustradas e humorísticas do Brasil do século

¹³ LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 116.

¹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217.

¹⁵ COSTA, Carlos Roberto. *A revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado). p. 205.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

XIX. Fundada em 1876, pelo artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, ela influenciou diretamente a arte caricata expressa por meio da imprensa nas mais variadas localidades brasileiras que adotaram tal gênero jornalístico. Agostini foi jornalista, editor e militante político, mas, como ilustrador e caricaturista, se consagrou¹⁶. Sua produção, além de extensa, adquiriu características diversas e acentuou sua principal habilidade, a de sensível cronista visual¹⁷. Ele engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu, manejando o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticoloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes¹⁸. Na *Revista* aparecia uma crônica do cotidiano e de costumes, estabelecendo uma proximidade com o leitor, criando com este uma comunicação direta e espontânea, impregnada ora de delicadeza, ora de humor, ora de atrevimento¹⁹. Com a *Revista Ilustrada*, Agostini atingiu o

¹⁶ COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 249.

¹⁷ MARINGONI, Gilberto. *Ângelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011. p. 85.

¹⁸ SODRÉ, 1999. p. 217-218 e 220.

¹⁹ SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 221 e 229.

clímax de sua trajetória, exercendo influência na opinião pública nacional²⁰.

Ao apresentar-se em seu número inaugural, a *Revista* exclamava que abrissem caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Revelando sua experiência nas lides jornalísticas, o redator destacava que ele não era nenhum calouro, que pretendesse entrar com pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua voz pelo diapasão da grande orquestra da imprensa humorística carioca. Inclusive, enfatizava que se dava o contrário, por tratar-se de um veterano, já muito calejado nas lides semanais que voltava resfolgado à cena. Dizia que seu programa é dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente. Perguntava se os leitores estariam prevenidos, pois quem se zangasse com ele poderia ficar certo de perder o seu latim (REVISTA ILUSTRADA, 1º jan. 1876).

A *Revista Ilustrada* teria uma longa vida, circulando até agosto de 1898. Mas não foi com seu fundador que ela seguiu até o fim, pois, no auge da fama, aclamado com um dos artífices da abolição, Agostini se envolveu em um escândalo familiar e, em outubro de 1888, seguiu para uma espécie de exílio forçado na França. Tinha planos para uma curta estadia, mas só retornaria ao Brasil no final de 1894, sem mais

²⁰ MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. p. 208

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

voltar para a *Revista*, vindo inclusive a fundar outra folha ilustrada. A *Revista* continuou sem ele, e por um bom tempo conseguiu manter o nível, mas aos poucos esvaziou a forma, sucumbiu à política da cavação, perdeu credibilidade e importância. Além disso, os tempos também eram outros, já que os artífices da república, instalada em novembro de 1889, não herdaram a tolerância da monarquia e os ventos da liberdade de imprensa se tornavam coisa do passado²¹. Dessa maneira, Agostini acompanhou a vitória de uma de suas campanhas, a da abolição da escravatura, mas não conviveu diretamente com a derrocada definitiva da monarquia.

Em seu retorno ao Brasil, Ângelo Agostini não voltou para a *Revista Ilustrada*, passando a dedicar-se a um novo projeto voltado à imprensa ilustrada e humorística do qual resultou a fundação do *D. Quixote*²², o qual circulou no Rio de Janeiro, de 1895 a 1903, e marcou o auge artístico do publicista ítalo-brasileiro²³. A folha apontava que, naquele fim de século “ainda se sofre muito, ainda se é vítima de um sem número de prejuízos morais e de inqualificáveis abusos, praticados quase sempre pelos fortes”, ou que assim supunham ser, “contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não têm consciência da sua força”. O título se baseava na obra de Miguel de Cervantes, de modo que o periódico se apresentava como “resolvido e pronto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideal”, representado pela inscrição “mais civilização, mais progresso, mais

²¹ COSTA, 2012, p. 347 e 412

²² SODRÉ, 1999. p. 219.

²³ COSTA, 2007. p. 272.

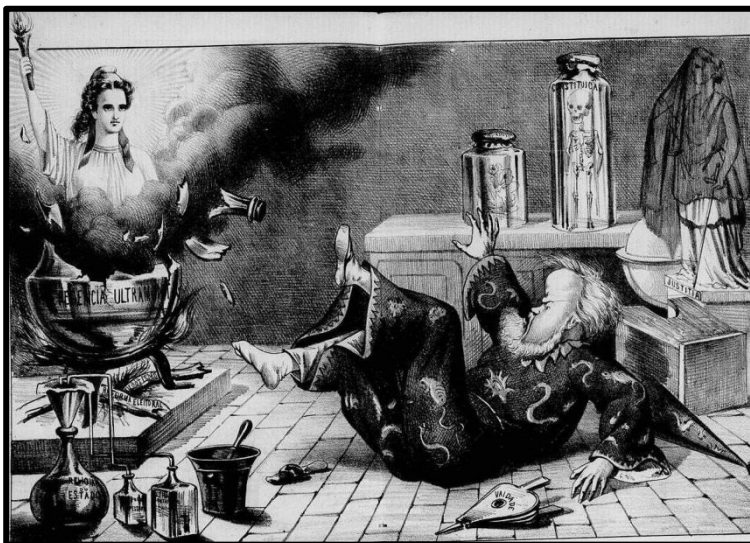
humanidade". Com base nos dois personagens centrais do livro de Cervantes, a redação da revista foi representada tanto pelo D. Quixote quanto pelo seu "fiel escudeiro, o precioso Sancho Pança, que o acompanha, indefectível, em toda a penosa jornada", vindo a avisá-lo "de todos os perigos iminentes" e dando-lhe "sempre a nota realista, a nota prática, a nota filosófica dos acontecimentos" (DOM QUIXOTE, 23 jan. 1895). Ao contrário da *Revista Ilustrada*, que, após a saída de Agostini e com a chegada da república, adotou uma postura abertamente oficialista, o *D. Quixote* retomou a abordagem predominantemente crítica, típica do artista brasileiro-italiano e as presenças da mulher-república em suas páginas seguiram tal orientação²⁴.

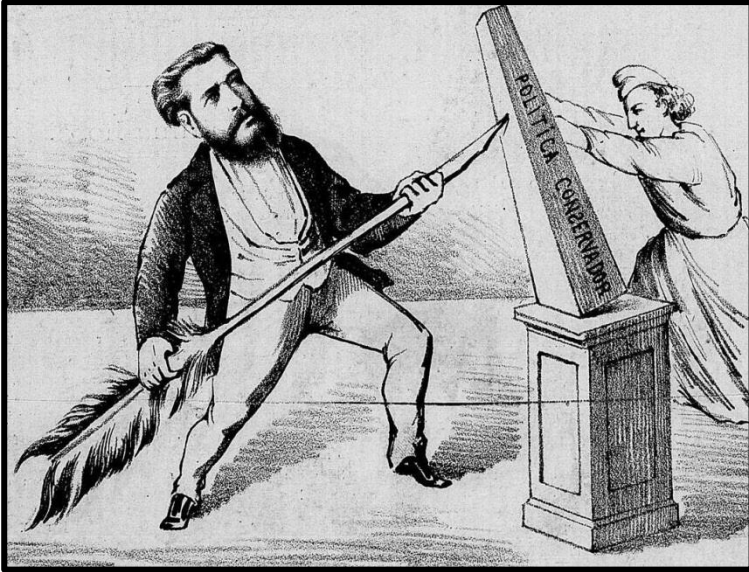
Nas páginas desses três periódicos, as visões acerca da dama do barrete frígio passariam por verdadeira transição, partindo de uma imagem idealizada até outra que correspondia à decepção para com os rumos da nova forma de governo. Ainda à época da aspiração por uma mudança no regime vigente no país, muitas vezes a mulher-república aparecia como uma antagonista ao monarquismo, esperando de modo latente a oportunidade para a derrubada da coroa. Nesse sentido, *O Mequetrefe* mostrava uma dama republicana radiante, surgindo em meio à explosão de um tubo de experiência e promovendo a queda do imperador, estupefato em sua roupa de mágico, além da sentença

²⁴ Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A imagem feminina como designação da República na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro no último quartel do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2023.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

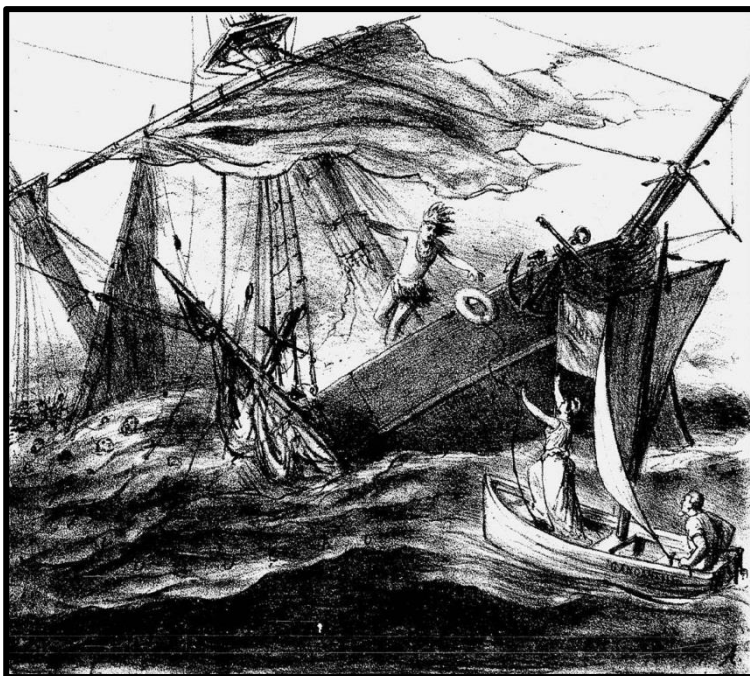
expressa pelo periódico: “como acabam os alquimistas” (O MEQUETREFE, 30 set. 1875). O símbolo feminino da república também entrava em embates com a imprensa defensora do status quo, como foi o caso de uma que derrubava uma coluna vinculada ao conservadorismo, levando pela frente também um escritor público atrelado ao monarquismo, levando em conta que “pode mais a força do direito, do que o direito da força” (O MEQUETREFE, 14 out. 1875).





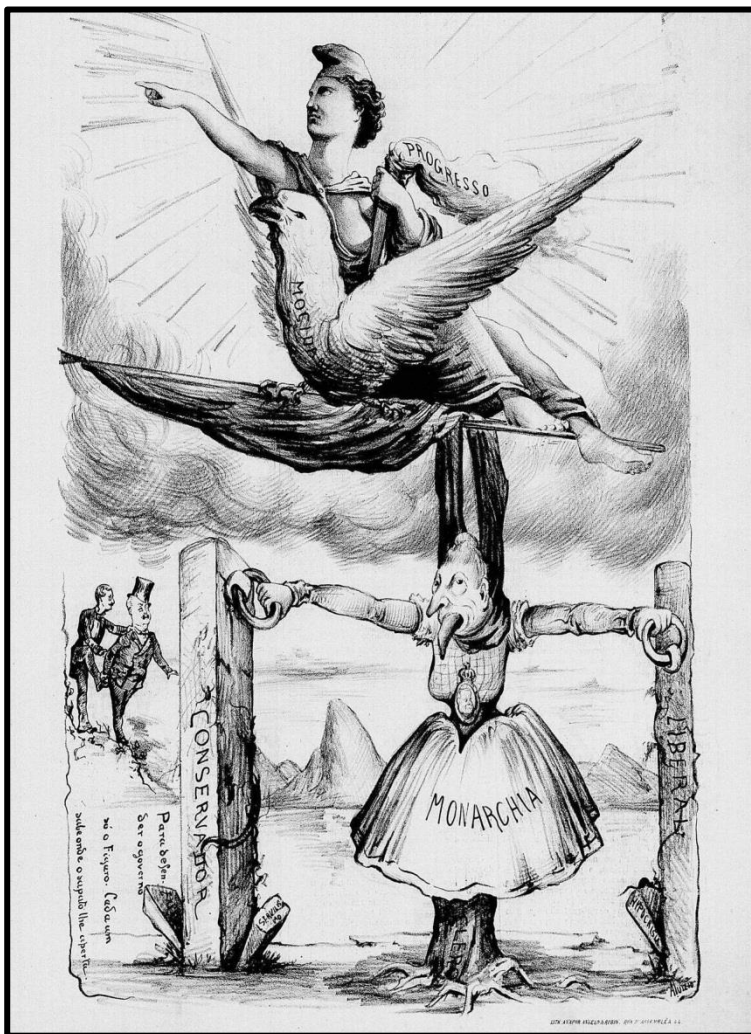
No mesmo sentido, a *Revista Ilustrada* mostrava o Estado Nacional Monárquico como um navio que soçobrava, afirmando que “a corrupção tem estragado a tal ponto a nau do Estado, que é provável que não resista a qualquer tempestade”. De acordo com o periódico, a salvação do Brasil – simbolizado pelo índio, representação da nação brasileira eternizada por Ângelo Agostini –, que pulava do navio, se dava por meio da mulher-república, que, empunhando a bandeira da liberdade, preparava-se para socorrer o náufrago (REVISTA ILUSTRADA, 4 ago. 1877).

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



A dama do barrete encarnado também foi representada voando nas costas de uma ave, que trazia a ideia da mocidade, além de carregar a tocha do progresso, ao passo que a figura que designava a monarquia aparecia sendo esganada e agrilhoadada a duas colunas, que simbolizavam o bipartidarismo, com as disputas entre liberais e conservadores (O MEQUETREFE, 6 ago. 1877). A imprensa ilustrada carioca almejava a mudança na forma de governo, com a ascensão da deusa republicana, uma figura alada que, espada à mão, se sobreporia, no “dia de amanhã”, ao regime vigente, o qual aparecia em aniquilação

provocada por um incêndio (O MEQUETREFE, 14 jun. 1879).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



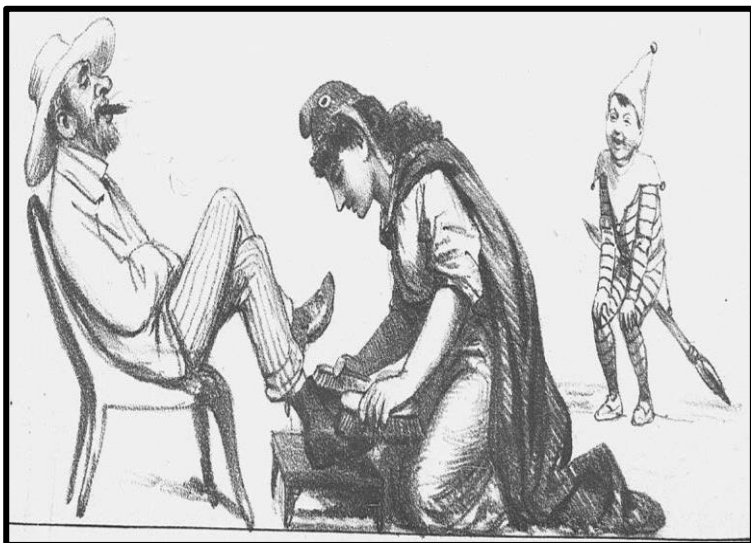
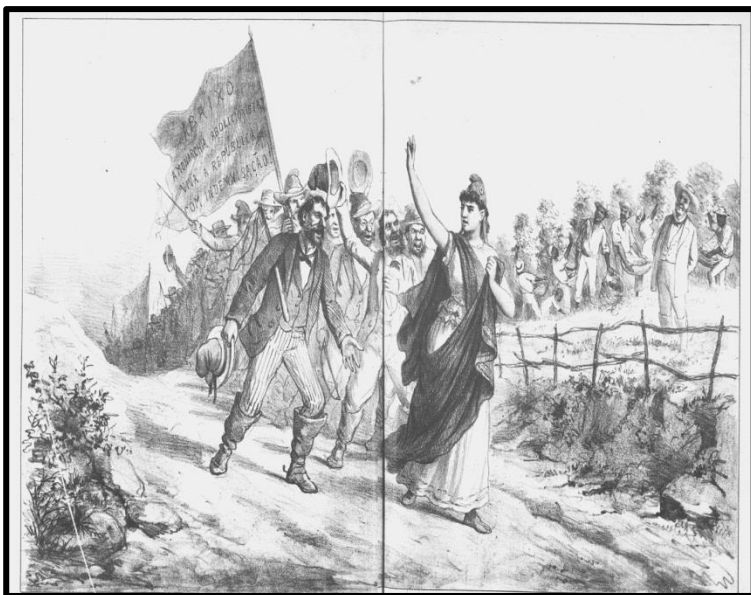
O enfrentamento da dama republicana contra os monárquicos foi também representado pela *Revista Ilustrada*, que mostrava a força da figura feminina, cuja fulgurante presença serviria para espantar os adversários, que, por medo, chegavam a cair em um abismo. Dizia a folha que, “à força de recuarem diante dela, os insensatos acabarão por precipitar o próprio partido na rocha Tarpeia do descrédito”. Tal “rocha” tinha raízes referenciais na antiguidade clássica, constituindo uma elevação que, à época da Roma Antiga, era utilizada para execuções, com o lançamento em direção ao chão dos condenados à morte (REVISTA ILUSTRADA, 31 jul. 1884).



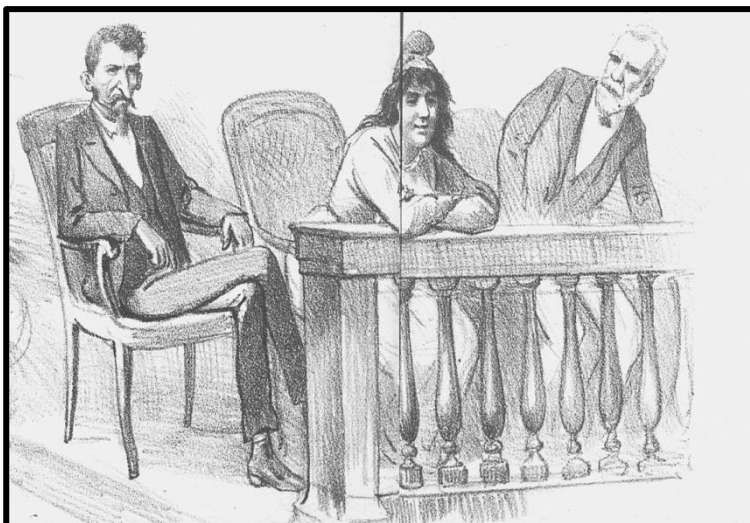
A imprensa ilustrada e humorística apostava na pureza da mulher-república, ou seja, na virada democrática e ilibada que significaria a mudança na

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

forma de governo, tanto que mostrou a dama repudiando a aproximação dos escravocratas que passaram a romper com a monarquia apenas por ter visto seus interesses prejudicados, com a abolição da escravatura sem a desejada indenização (REVISTA ILUSTRADA, 9 jun. 1888). De acordo com a revista, os escravagistas estariam muito enganados, ao imaginarem que a dama do barrete frígio viria a, figurativamente, engraxar as suas botas, algo que ela jamais aceitaria (REVISTA ILUSTRADA, 16 jun. 1888). Ela também se congratulava com a chegada de defensores do ideário antimonárquico no parlamento brasileiro (REVISTA ILUSTRADA, 15 set. 1888), e desafiava um chefe de governo monarquista, demarcando que ele não conseguiria “matar a ideia da liberdade, que surge pujante, conquistando adesões em todos os corações” (REVISTA ILUSTRADA, 27 jul. 1889).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



Outro tópico que trazia a presença da mulher-república era vinculado às perseguições e aos ataques por ela sofridos de parte dos monarquistas, como demarcou *O Mequetrefe*, ao mostrá-la acossada pelos inimigos, sem que o periódico, em concordância com seus ideais, deixasse de garantir que “ela não morre” e “caminhará triunfante, esclarecendo a estrada do futuro e guiando a humanidade para as conquistas do trabalho e do espírito” e ainda “derrubando velhos preconceitos e velhas tradições” (O MEQUETREFE, 1º dez. 1877).



Em outro momento, de perseguida, a dama republicana passava à ofensiva, reagindo contra o que era qualificado como mazelas monárquicas. Nessa linha, *O Mequetrefe*, apresentou caricatura em que a versão feminina da forma de governo almejada chorava diante

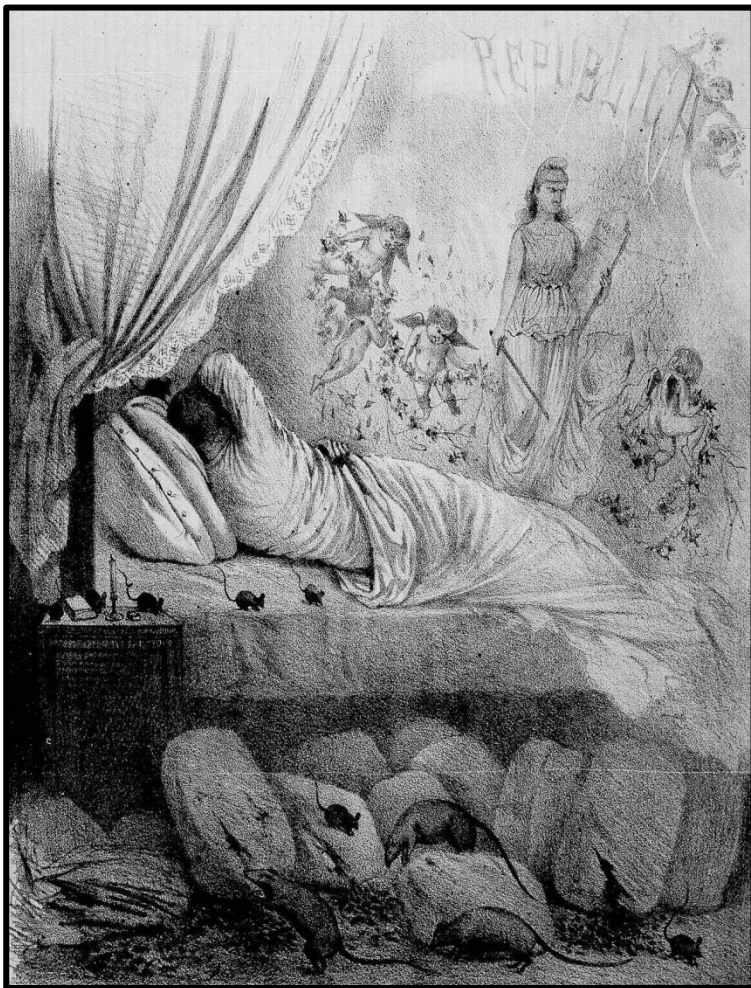
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

dos conchavos políticos envolvendo apropriação de dinheiro público, para em seguida, reagir contra aquele estado de coisas, e desferir um pontapé no político corrupto, deixando-o sem ação (O MEQUETREFE, 30 jun. 1883). A dama republicana surgiria igualmente cercada de anjos, surgindo como o pior dos sonhos de um ministro monárquico, envolvido em atos corruptos e roubalheira, como denunciavam os ratos no entorno de sua cama (O MEQUETREFE, 31 jul. 1883). Ela aparecia ainda destruindo vários objetos alusivos à monarquia, sendo expressa a certeza de que aquela seria a “apoteose final” do regime vigente (O MEQUETREFE, maio 1889).





OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



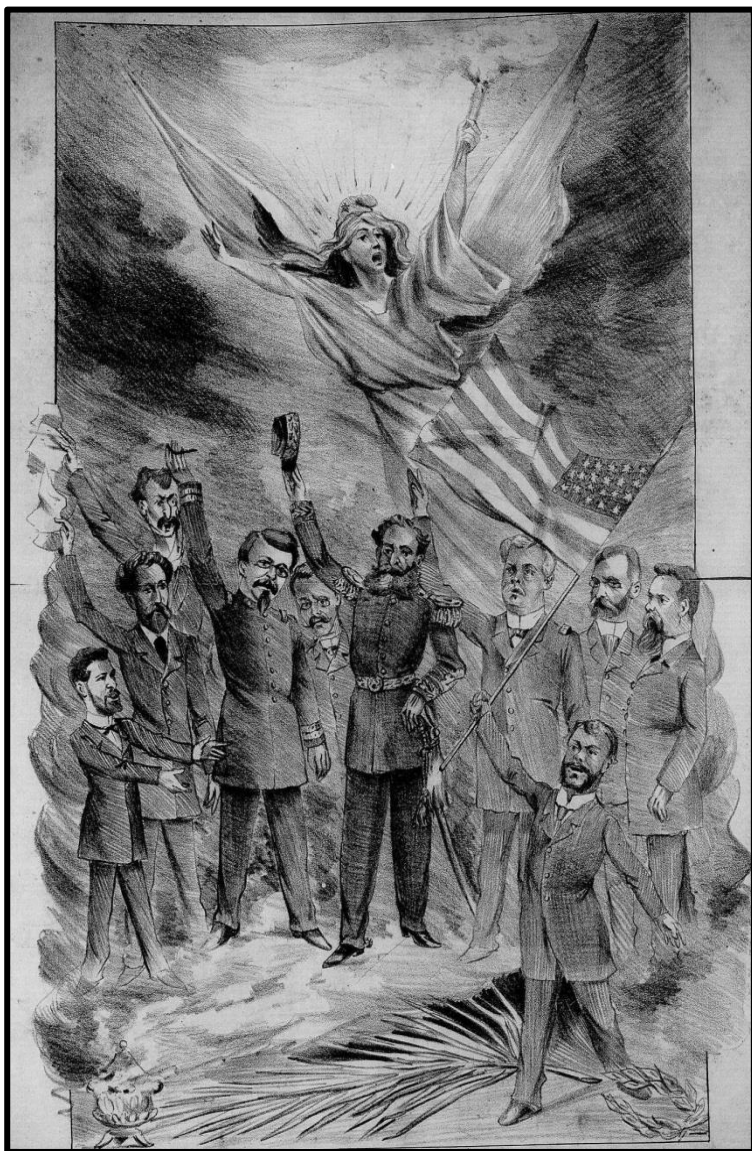


As disputas político-eleitorais entre os republicanos e os representantes das agremiações que compunham o bipartidarismo do regime imperial foram outra oportunidade para demarcar a imagem da república-mulher. Foi o caso da presença dela montando um cavalo e deixando para trás outra figura feminina, velha e alquebrada, que montava um burro, em alusão aos conservadores (O MEQUETREFE, 10 dez. 1884).

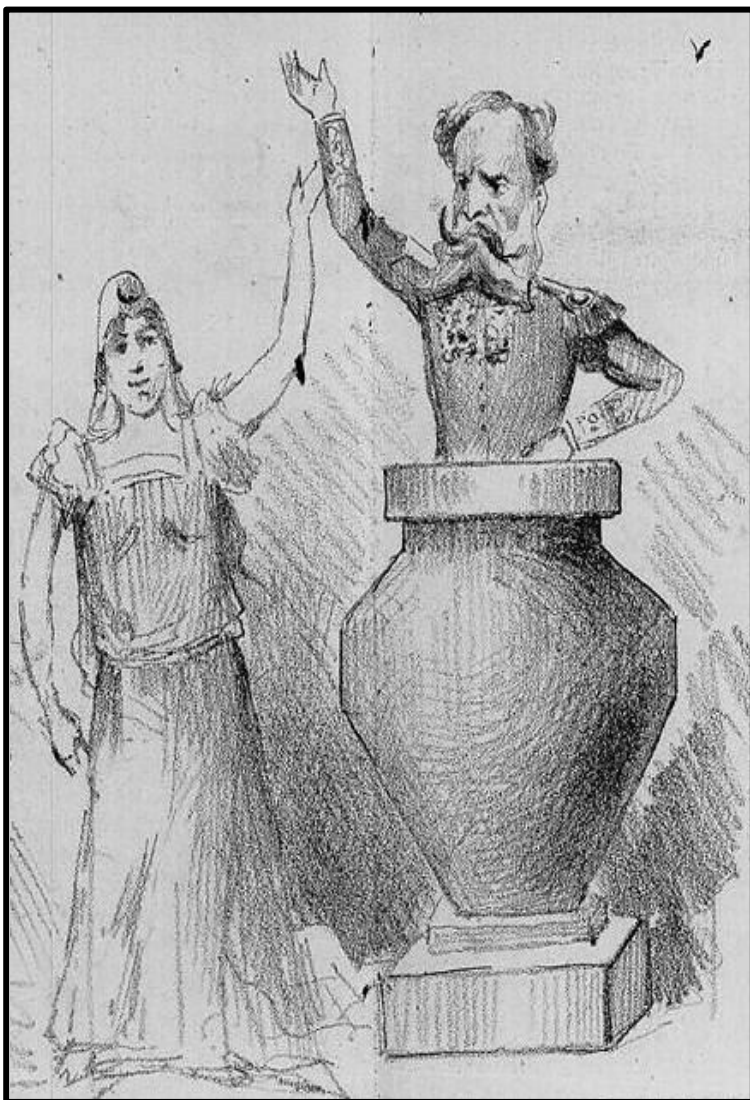
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



Para as folhas caricatas cariocas que defenderam a mudança da forma de governo, a chegada da república foi um momento de júbilo e comemoração, com a vitória também da dama do barrete frígio. Nesse sentido, *O Mequetrefe* mostrou o proclamador e primeiro presidente, membros do Governo Provisório e militantes republicanos, todos celebrando sob a aura da deusa republicana, que trazia a luz para cobrir os tempos escuros que estariam se dissipando com o fim da monarquia (*O MEQUETREFE*, nov. 1889). A permanência de Deodoro da Fonseca na presidência foi igualmente festejada, com o personagem saindo de uma urna e sendo saudado pela mulher-república (*O MEQUETREFE*, jan. 1891).

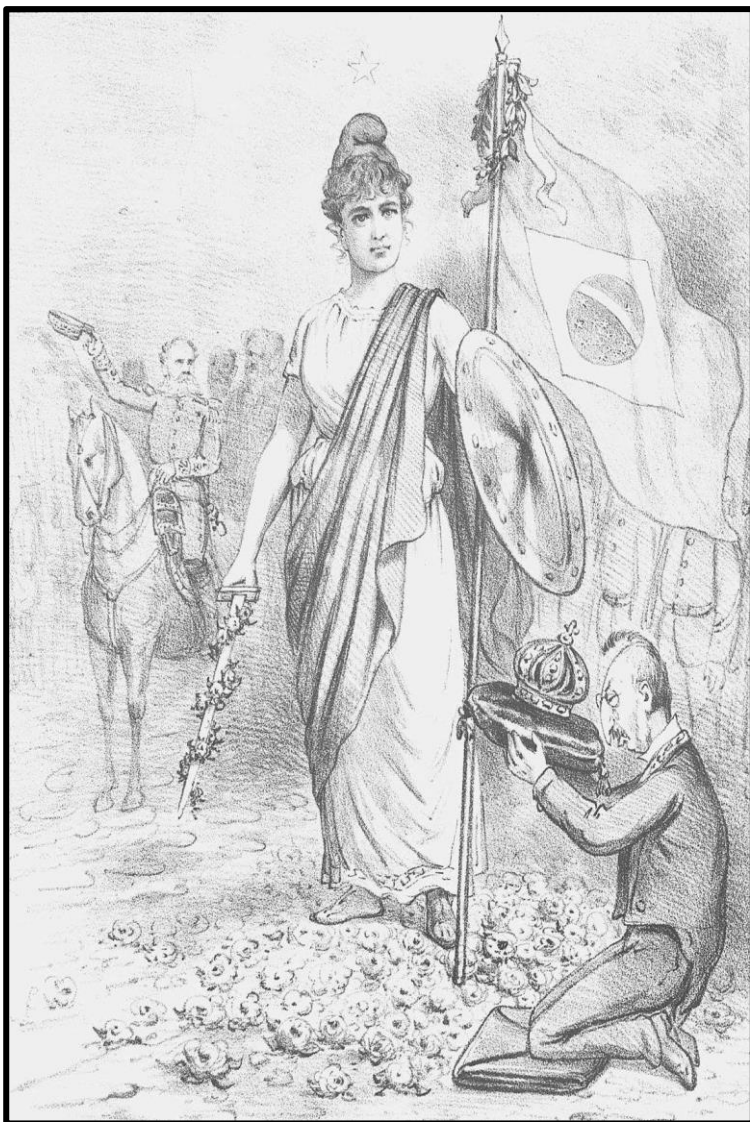


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



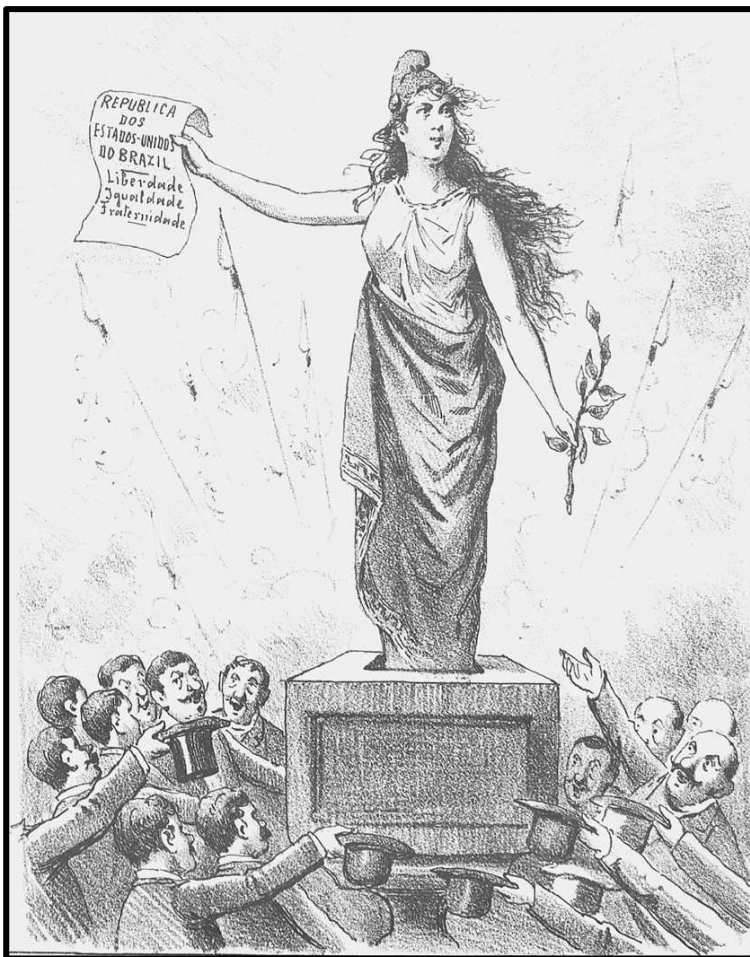
A *Revista Ilustrada* também representou iconograficamente a transição política da forma de governo brasileira, fazendo uma “homenagem”, exortando em “glória à pátria” e “honra aos heróis do dia 15 de novembro, ao mostrar em ilustração o chefe de gabinete do último ministro imperial, de joelhos, entregando a coroa, como símbolo do poder, para a dama-república, portando espada, escudo e o pavilhão nacional, aparecendo ao fundo a cena da proclamação, liderada por Deodoro da Fonseca (REVISTA ILUSTRADA, 16 nov. 1889). Para a revista, a mulher-república estaria plenamente estabilizada, apresentando a figura feminina como uma “sempre calma e sedutora jovem” (REVISTA ILUSTRADA, 15 fev. 1890). Um processo eleitoral foi considerado pela publicação como um momento alto de uma propalada democracia que teria advindo da nova forma de governo, surgindo a alegoria feminina da república, acompanhada da afirmação: “Das urnas sairá triunfante a própria imagem da pátria republicana” (REVISTA ILUSTRADA, 6 set. 1890).

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



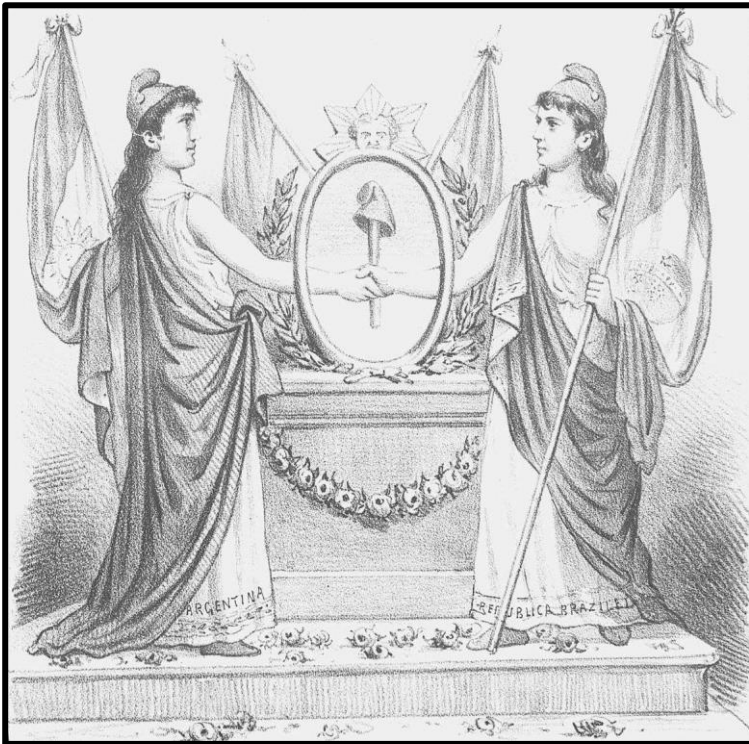


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

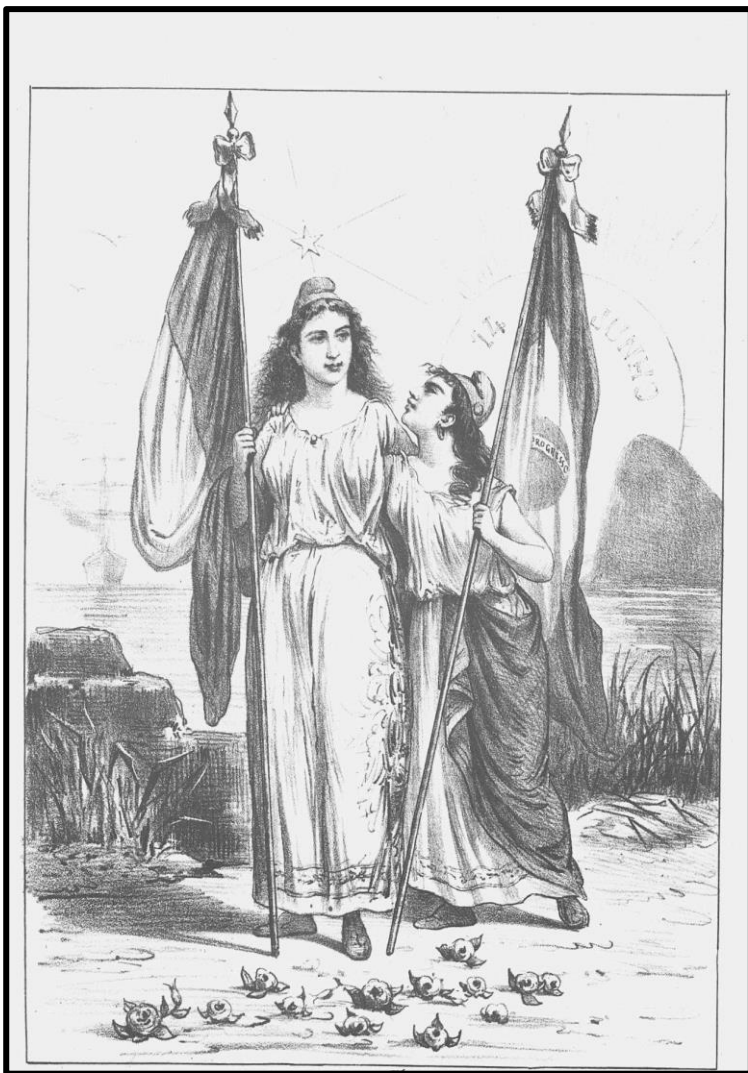


Tal publicação mostrou também encontros entre as damas do barrete frígio, como foi o caso de Brasil e Argentina, imaginando um novo tempo em que os dois países selariam “um pacto de franca e imperturbável amizade” (REVISTA ILUSTRADA, 15 fev. 1890). O

reconhecimento francês da mudança institucional brasileira serviu como oportunidade para um novo encontro, dessa vez entre alegoria feminina brasileira e francesa, aquela como uma adolescente e esta como uma jovem mulher. Elas abraçavam-se e o periódico constatava que “não houve enredos e intrigas, que prevalecessem contra o espírito das duas irmãs” (REVISTA ILUSTRADA, 21 jun. 1890).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



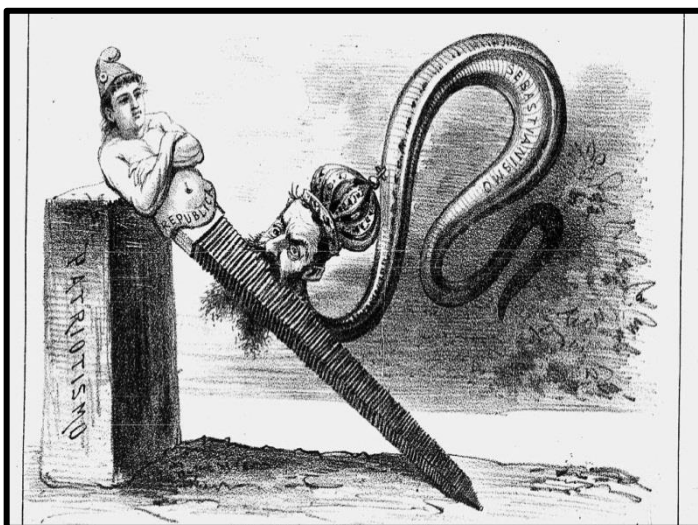
Os periódicos ilustrados do Rio de Janeiro também atuaram em defesa do regime instalado em

novembro de 1889, combatendo qualquer resquício de proposta restauradora. Foi o que fez *O Mequetrefe* anunciando o confronto entre uma mulher coroada que representava os monárquicos, mas sendo sobreposta pela aura da dama republicana, e, de acordo com o periódico, a primeira, “espavorida, treme e cambaleia, diante da aurora radiante” da outra (O MEQUETREFE, set. 1892).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

O combate às tendências restauradoras também esteve nas páginas da *Revista Ilustrada*, ao apresentar a mulher-república com a tocha do progresso à mão espantando os remanescentes monárquicos, simbolizados por morcegos, representação tradicional da caricatura para caracterizar os males que afligiam a sociedade. Segundo a folha, “os representantes de um poder decaído, animados de um sentimentalismo tardio”, pretendiam “convulsionar o país, promovendo a anarquia no seio da pátria e o descrédito no estrangeiro”; mas alinhavava que aqueles “ambiciosos despeitados” nada conseguiriam, uma vez que “a república, fortalecida pelo patriotismo de seus filhos”, surgiria sempre à frente, “bradando furiosamente: Para trás, hediondos morcegos! Basta de sugar o sangue do povo!...” (REVISTA ILUSTRADA, dez. 1891). Em outra caricatura, a revista mostrava a dama do barrete frígio apoiada na coluna do patriotismo e metamorfoseada, com seu corpo, abaixo do ventre transformado em uma lima, que não sucumbia perante as mordidas dadas por um sebastianista, alusivamente aos restauradores, o qual tinha cabeça humana e o corpo de víbora, aparecendo por legenda: “Pouco importa que a venenosa serpente arremata com fúria – a lima tem boa têmpera e há de quebrar-lhe os dentes” (REVISTA ILUSTRADA, abr. 1892).

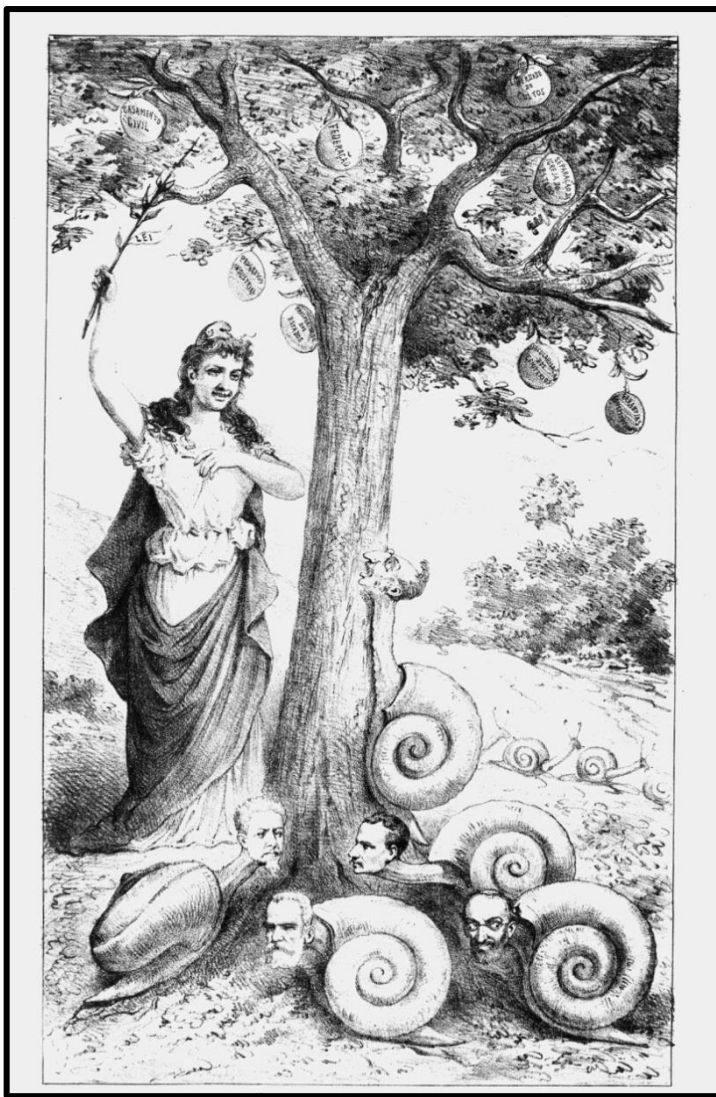


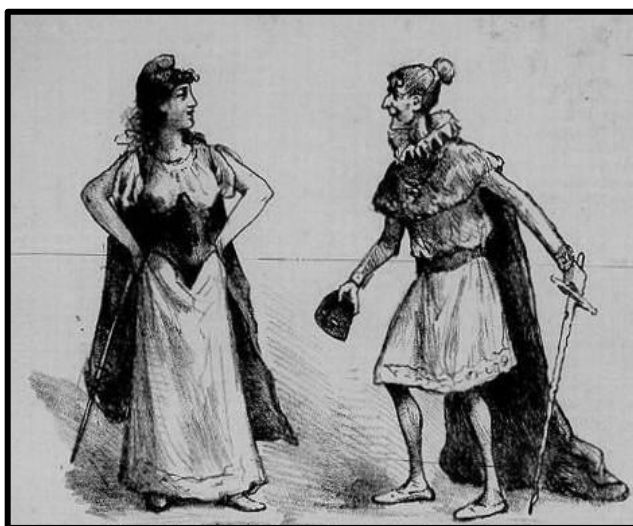
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

O próprio bobo da corte, representação da *Revista Ilustrada*, viria a buscar despertar a dama republicana para os propalados avanços do monarquismo, dizendo que procuraria “abrir os olhos da república para que não se deixe engazopar por esses sebastianismos pulhas” (REVISTA ILUSTRADA, maio 1893). Os monárquicos foram também representados com caramujos, alusivamente à lentidão do movimento que sustentavam, os quais eram rechaçados pela mulher-república, com o uso do galho da “lei” (REVISTA ILUSTRADA, jan. 1896). A alegoria da figura feminina foi transformada em busto que, simbolicamente, serviria como anteparo que resistia a um possível avanço restaurador (REVISTA ILUSTRADA, mar. 1896). A existência do ideal restaurador foi ainda denunciada pelo *D. Quixote*, ao mostrar a antiga forma de governo como um ancião que buscava erguer sua espada com pouco sucesso, pois, na concepção da folha, “a monarquia, velha alquebrada e ridícula, apresenta-se para dar combate, coitada, mal se pode ter nas pernas”, diante da “república, serena e consciente da sua força” (DOM QUIXOTE, 26 out. 1895).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO





OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

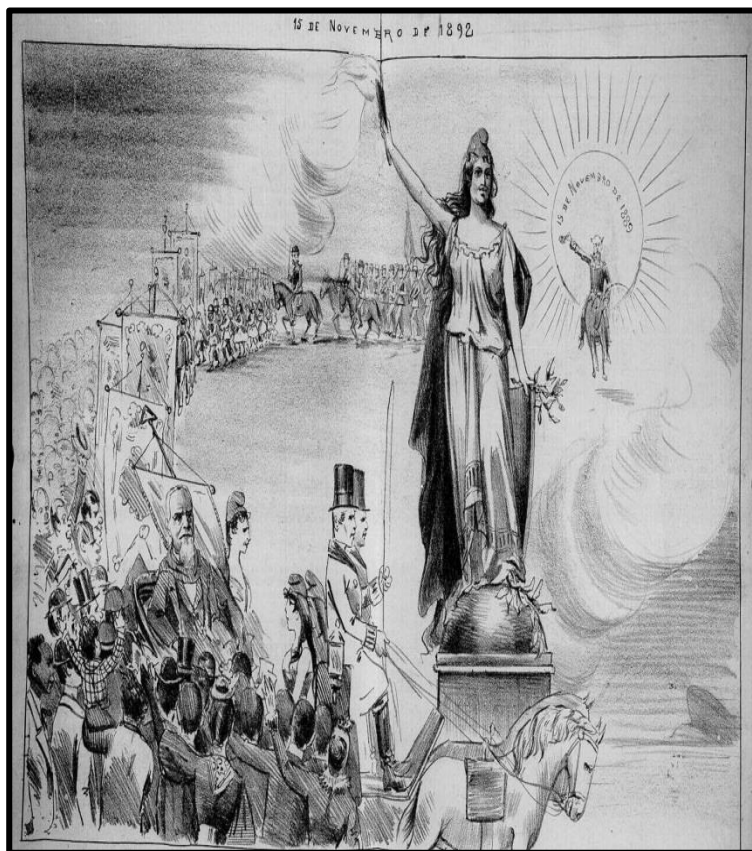
A cada ano passado da mudança política ocorrida em 1889, as publicações ilustradas e humorísticas demarcavam a efeméride. O primeiro ano de existência da forma de governo republicana foi saudado pela *Revista Ilustrada* ao apresentar a representação iconográfica feminina republicana como uma menina que era erguida nos braços de Deodoro da Fonseca, em um palanque que contava com outros membros do Governo Provisório e políticos republicanos, como se ela estivesse sendo apresentada ao povo que estaria assistindo às solenidades (REVISTA ILUSTRADA, nov. 1890). Já para o segundo aniversário da república, o protagonismo era da mesma figura alegórica, empunhando a bandeira nacional, acompanhada da exortação de que aquela data serviria para lembrar e festejar “com toda a força dos pulmões”, gritando “Viva o Brasil! Viva a república” (REVISTA ILUSTRADA, out. 1891).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



O *Mequetrefe* celebrou o terceiro aniversário republicano por meio de duas alegorias. Na primeira, a dama do barrete frígio assumia as feições de verdadeiro monumento que era homenageado com um grande cortejo, que representava a louvação da população brasileira. Na outra, a figura feminina levava a espada em uma das mãos – simbolizando a força do regime – e a constituição na outra – designando a égide da lei –, aparecendo ainda na ilustração os ramos da vitória e um globo terrestre, em sinal de uma possível vitória republicana no mundo (O MEQUETREFE, nov. 1892).

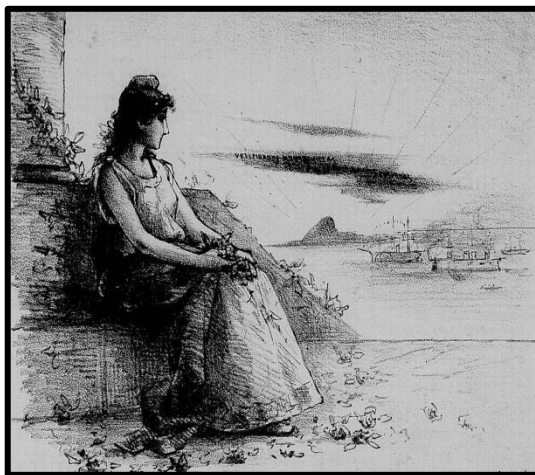
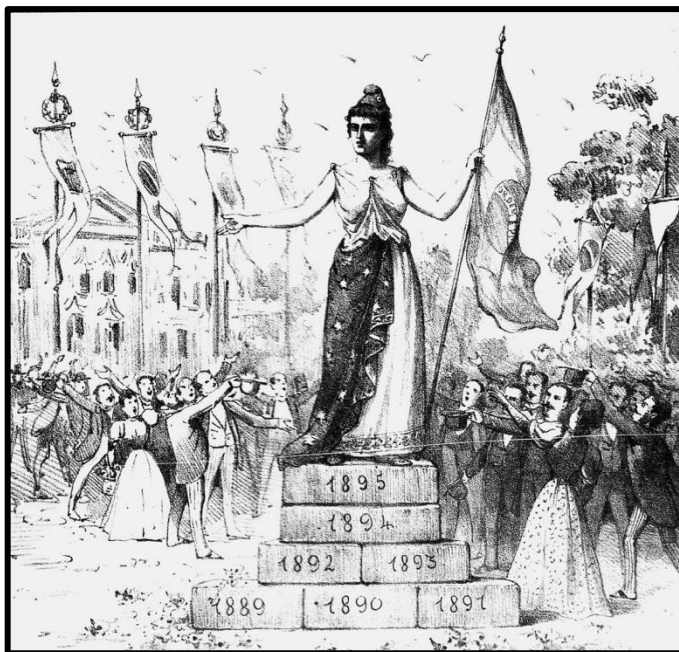


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

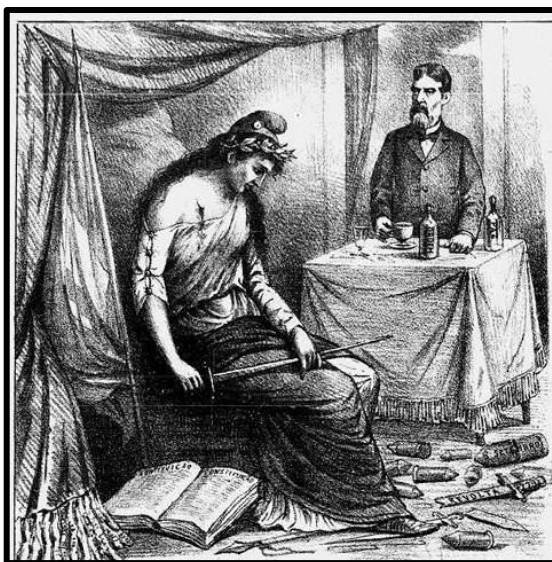


Perante o sexto aniversário republicano, a *Revista Ilustrada* construiu cenário no qual a cidade aparecia embandeirada e o povo exultante a saudar a forma de governo aniversariante, estando seu símbolo feminino em posição de destaque, com o pavilhão nacional à mão, sobre um bloco de pedras que simbolizavam cada ano até então passado, bem como uma certa fortaleza do regime diante dos obstáculos que se lhe antepunham. Em versos, a legenda dizia que aquela data constituía um “dia supremo de glória”, a qual “não tem rival”, vindo a ser “perpétuo na história da república imortal” (REVISTA ILUSTRADA, nov. 1895). Também o *D. Quixote* representou a passagem do natalício republicano em 1895, com a mulher-república, em um misto de esperançosa e melancólica, a olhar para o horizonte, embora não estivessem a intimidá-la “as leves nuvens que buscam empanar o dia claro da república” (DOM QUIXOTE, 26 out. 1895).

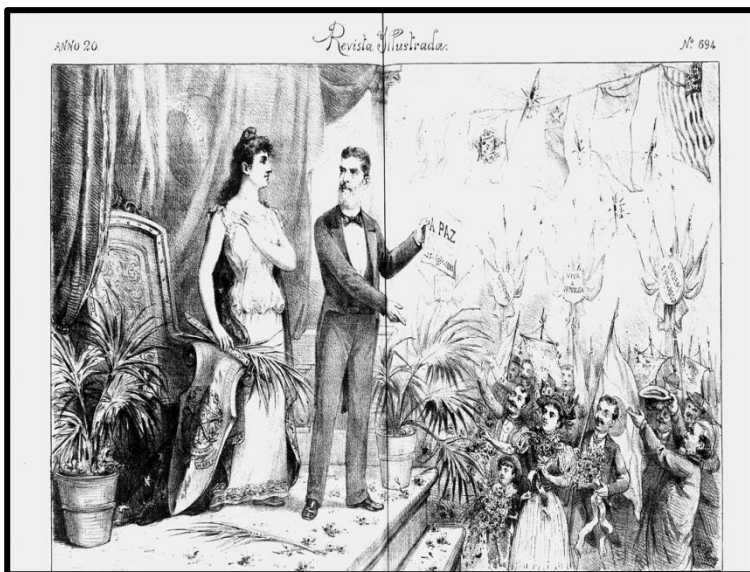
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL- RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



As crises enfrentadas pelo regime republicano, mormente os diversos movimentos revolucionários que contestaram o modelo vigente, também serviram como cena para a presença da mulher-república acompanhada pelo presidente Prudente de Moraes, estando ela ferida e depauperada, com a espada deitada ao colo e o constituinte atirado ao chão. De acordo com a folha, ela estava “convalescente das grandes lutas que teve de sustentar contra os inimigos da pátria”, estando a necessitar “dos maiores cuidados para cicatrizar a ferida que lhe sangra no peito” (REVISTA ILUSTRADA, fev. 1895). Por outro lado, a dama do barrete frígio apareceria mais uma vez ao lado do presidente, diante do povo, nas comemorações pela pacificação do país, ao ser debelada a revolta no extremo-sul (REVISTA ILUSTRADA, ago. 1895).



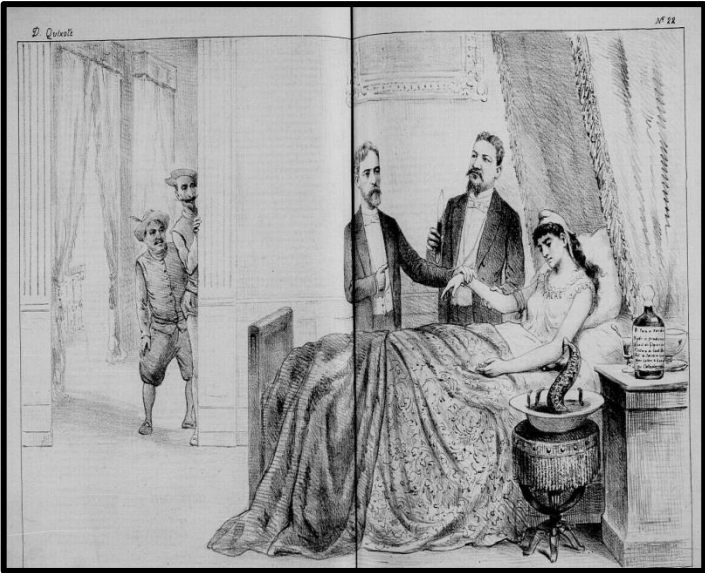
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



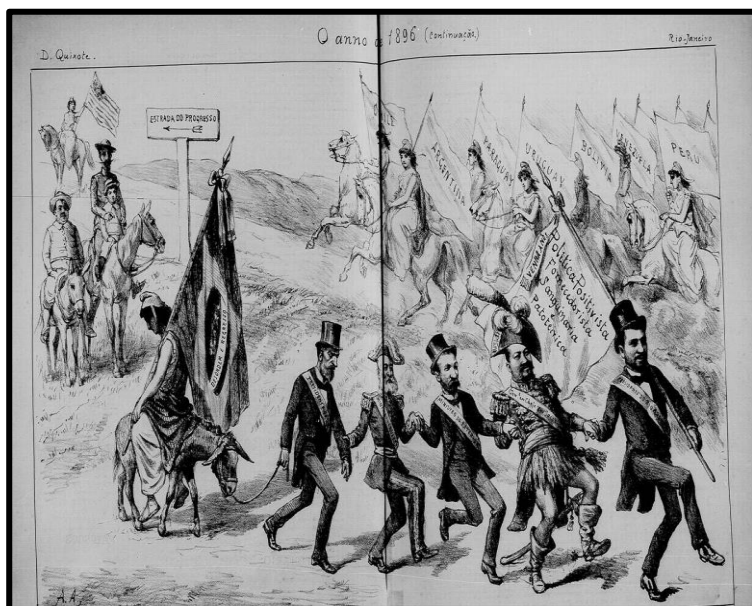
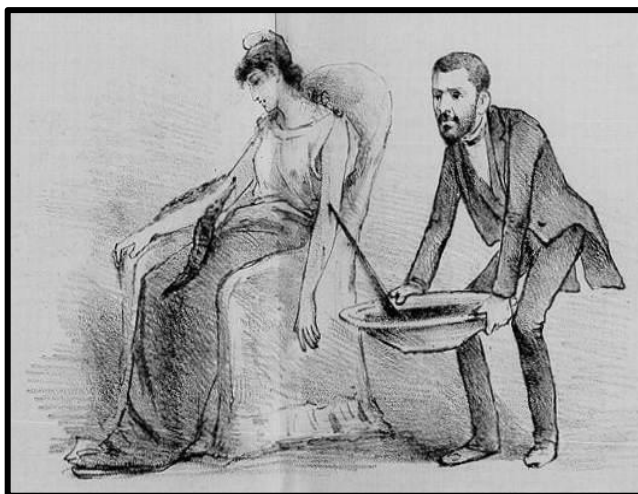
O *D. Quixote* também demonstrou as tensões que afetavam a nova forma de governo, como ao apresentar aquilo que definia como “política despótica”, referindo-se a governos estaduais autoritários, na forma de um monstro com sete cabeças de víbora, que ameaçava a mulher-república, a qual pedia ajuda ao presidente, que, de acordo com o olhar crítico do periódico, parecia impassível para tomar providências efetivas (DOM QUIXOTE, 27 abr. 1895). Na mesma linha e, em postura mais firme, a dama republicana cobrava abertamente uma postura decisiva da figura presidencial para que terminasse a revolta no sul do país, pois haveria o risco do mesmo transformar-se em uma necrópole. Diante disso, ela questionava: “Preferes esperar que o Rio Grande do Sul se torne um vasto cemitério para então pacificá-lo?!” (DOM QUIXOTE, 18 maio 1895).

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

pela guerra, enquanto, ao fundo os personagens que representavam o *D. Quixote*, mostravam-se desconfiados diante do tratamento dado para a convalescente pelos médicos, que designavam os governantes do país (DOM QUIXOTE, 22 jun. 1895). Os desmandos político-administrativos e os desvios econômico-financeiros também apareciam como motivos do enfraquecimento da mulher-república, que, “espantada e absorta, fica sem entender nada disso”, ainda mais diante das atitudes dos “ilustres defensores do exausto tesouro” (DOM QUIXOTE, 12 out. 1895). Uma “depauperada república”, sentada e desfalecida, tinha o seu sangue arrancado por um político brasileiro, qualificado como “terrível governador”, o qual lhe arrancava a essência da vida por meio de uma sangria (DOM QUIXOTE, 19 out. 1895). Uma alegoria repleta de damas republicanas designava a óptica crítica do *D. Quixote* para com o contexto nacional, ao apresentar quase todas elas – as várias repúblicas sul-americanas que, a cavalo, iam na direção da estadunidense – seguindo a “caminho do progresso”, ao passo que, a brasileira deslocava-se exatamente na direção oposta, montada em um burrico e carregando uma bandeira nacional cujo dístico era trocado para “desordem e regresso”, em um quadro pelo qual, os responsáveis pelo “mau caminho” por ela percorrido eram exatamente os governantes e outros homens públicos brasileiros com ação destacada na época (DOM QUIXOTE, 25 jan. 1896).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



Uma mulher vestida à romana, na maioria das vezes portando um barrete à cabeça, constituiu uma das mais usuais representações imagéticas para simbolizar a república no Brasil. Esse foi um recurso artístico oriundo das experiências revolucionárias e republicanas da França. A partir daí surgia com muito mais frequência a imagem de uma mulher, envolta no estilo antigo e usando um barrete frígio. Ficava renovada a velha tradição greco-latina da alegoria, há muito codificada para uso dos artistas no sentido de colocar corpos humanos para representar coisas abstratas ou distantes. Progressivamente, tal figura feminina transpassava da definição de uma ideia universal de liberdade para a de república, criando-se uma identidade feminina, correspondendo assim a uma sensibilidade coletiva, diante da qual as representações iconográficas passaram a ser acolhidas e difundidas²⁵. Na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro tal tendência histórica evidenciou-se com uma recorrente presença da dama do barrete frígio, que surgia nas representações imagéticas desde a época imperial, como um ideal a ser alcançado, estendendo-se aos primeiros tempos republicanos, quando se evidenciava como a simbologia da vitória republicana. Ainda assim, as várias mazelas e dificuldades que caracterizaram o novo regime, levaram a arte caricatural, como lhe era muito típico, a subverter até mesmo a imagem da dama republicana, que passava a sofrer com os tantos obstáculos que lhe eram antepostos, inclusive de parte de seus governantes, demarcando um sentimento que muitas vezes passou da aspiração à decepção para com a mesma.

²⁵ AGULHON, 1992. p. 14, 17 e 19.

A alegoria feminil da república nas páginas da imprensa caricata sul-rio-grandense: da idealização à desilusão

A dama do barrete frígio esteve presente em várias das publicações ilustradas e humorísticas sul-rio-grandenses, desde o olhar que envolvia em torno de si uma idealização, ou seja, uma mudança que poderia trazer consigo um regime mais democrático, federativo e até libertário, até uma desilusão, com a afirmação do regime não se dando exatamente como pensado originalmente, mormente no que tange aos princípios da liberdade e da democracia. Dentre os semanários caricatos que trouxeram a inserção da alegórica república estiveram aqueles da zona sul gaúcha. O *Cabrion* circulou entre 1879 e 1881, na cidade de Pelotas, trazendo em suas páginas uma campanha abertamente antimonárquica, no que foi seguido por *A Ventarola*, editada na mesma cidade, entre 1887 e 1890, com a diferença de que, além de bater-se pela causa republicana, conseguiu acompanhar a mudança da forma de governo em seus primeiros momentos. Dentre eles marcou sua presença ainda o *Bisturi*, publicado na cidade do Rio Grande, como folha de circulação regular, entre 1888 e 1893, convivendo com a transformação institucional brasileira, primeiramente apoiando-a para em seguida opor-se ao modelo empregado na sua afirmação, mormente quanto ao conteúdo autoritário,

colocando-se na oposição aos primeiros governantes republicanos²⁶.

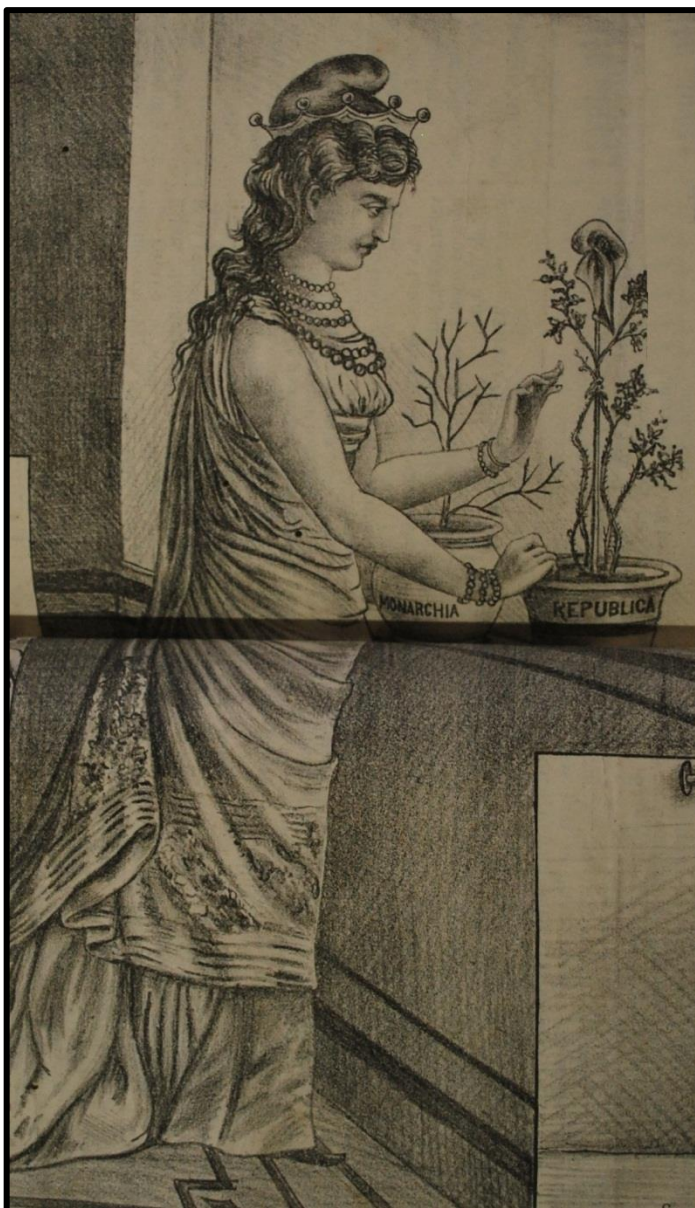
Nas folhas caricatas pelotenses a aspiração pela mudança na forma de governo já se anunciava mais de uma década antes de 15 de novembro de 1889. Havia inclusive o apelo ao que se propalava como tradições republicanas sul-rio-grandenses, oriundas da época da Revolução Farroupilha, as quais os propagandistas antimonárquicos gaúchos se utilizaram em larga escala em suas campanhas, ao consideram-se herdeiros diretos do republicanismo farrapo. Nessa linha, o *Cabrimon* mostrava a representação feminina da província rio-grandense-do-sul já usando o barrete frígio, assim como a planta que ela cultivava com carinho e era identificada com a república. Lacônica mas cheia de sentido, a legenda limitava-se ao questionamento se aquele projeto “Pegará?...” (CABRION, 1º jun. 1879). Oito anos mais tarde, o outro periódico ilustrado da mesma cidade, *A Ventarola* apresentava um desenho muito parecido, com o mesmo sentido e legenda, havendo a variação no que

²⁶ Um histórico acerca de cada uma dessas publicações pode ser observada a partir de: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 185-194, 199-208 e 209-220.; ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 219-243.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 35-36 e 66-69.; e ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10 e 45-46.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL- RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

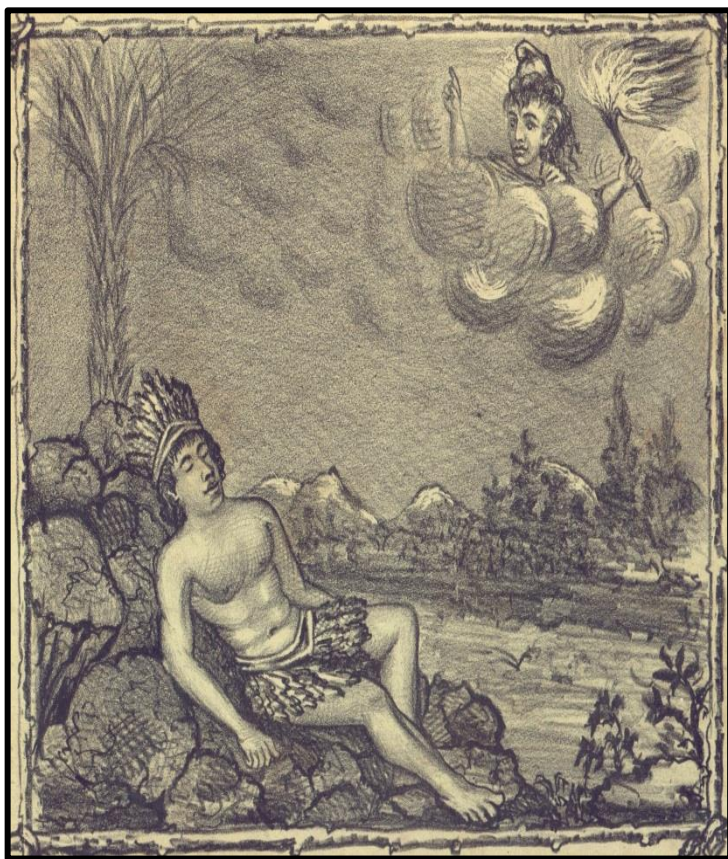
tange à adição de outro vaso de planta, de modo que apareciam dois deles, um com o vegetal praticamente morto, referente à monarquia, e outro com a planta florescente e viçosa, em alusão à república (A VENTAROLA, 3 jul. 1887).





OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

Outra presença da dama do barrete frígio deu-se por meio da figura indígena – tradicional representação do povo brasileiro –, que se encontrava dormindo profundamente, sem deixar de sonhar com um futuro considerado melhor. De acordo com tal perspectiva, a caricatura alegórica imaginava que aquele seria “o sonho do escravo”, ou seja, colocava o índio como um indivíduo escravizado pelo regime vigente e cuja vontade maior seria a libertação, idealizada pela imaginação de uma mudança institucional, simbolizada a partir da mulher-república, com a tocha libertária à mão e indicando um novo caminho para o sonhador (CABRION, 22 jun. 1879). Na mesma linha, o *Cabrion* imaginava um novo “dia de amanhã”, o qual se originaria do “estado atual dos negócios políticos”, em relação ao governo monárquico, o que era designado pelo comparecimento do imperador, de joelhos, desesperado e em desesperança pela situação nacional. A alegoria era complementada pela imagem da dama republicana, que orientava o povo e apontava para as instituições monárquicas, destruídas por um incêndio (CABRION, 29 jun. 1879).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



A dama do barrete frígio surgia também nas representações caricaturais enfrentando o regime vigente. Em uma delas, a mulher-república desafiava abertamente os políticos monarquistas, que se esgueiravam atrás dos símbolos que designavam o status quo, ou seja, a coroa – o império; o chapéu do prelado – o clero; a espada – as forças armadas; e a fôrula – a repressão. A figura feminina exortava o povo brasileiro a que partisse os seus grilhões (CABRION, 7 set. 1879). Tal alegoria feminina, empunhando uma espada e defendendo a bandeira nacional, colocava-se em posição de combate para pelejar contra as aves de rapina que se aproximavam, em referência às forças que defendiam o regime vigente (CABRION, 5 set. 1880).

Com inspiração em princípios religiosos, à época da data conhecida como Dia de Reis, tais personagens eram apresentados como os próprios reis magos, que adoravam um menino Jesus de barrete frígio, nos braços da dama republicana, que assumia o lugar de Maria. O periódico referia-se à “decadência em que marcham os partidos constituídos”, a qual exigiria uma melhor direção para “a nau do Estado”. Em conclusão, a folha dizia “Esta adoração é muito edificante...” (A VENTAROLA, 8 jan. 1888).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



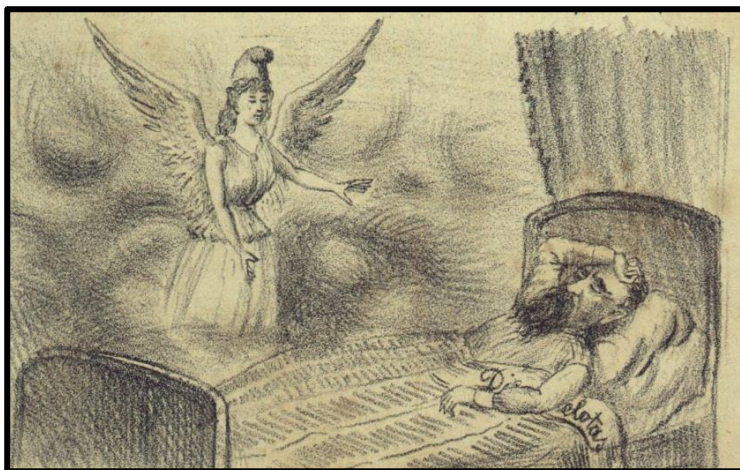


Levando em conta a declaração de um político que teria dito que a república seria inerente aos povos da América, *A Ventarola* apresentava a figura clássica alusiva a tal forma de governo, e comentava: “Os amantes da ideia republicana devem estar de parabéns, em vista do modo porque se manifestou um senador do império” (*A VENTAROLA*, 27 maio 1888). A dama do barrete frígio também era demonstrada com plena vitalidade, em paralelo com um imperador decrépito e sem condições de sustentar seus próprios símbolos do poder, ou seja, garantir o regime vigente, tanto que a folha concluía que “este estado anômalo vai já chegando ao seu termo, para dar lugar ao aparecimento do progresso” (*A VENTAROLA*, 15 jul. 1888). Assumindo

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL- RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

uma feição divina, uma angelical república perturbava o sono de um jornalista (A VENTAROLA, 26 ago. 1888).



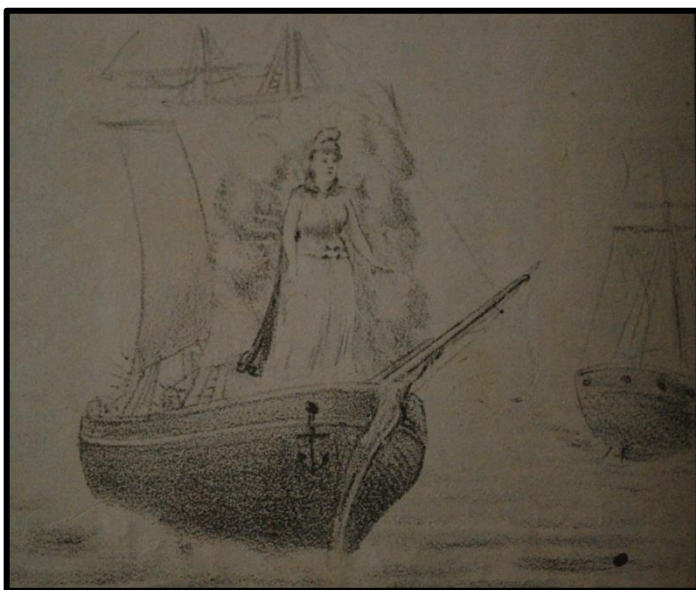


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

A mulher-república aparecia também admirando o bobo da corte, verdadeiro símbolo da *Revista Ilustrada*, em referência ao apoio dado pelo periódico pelotense à folha carioca, a partir de sua luta antimonárquica e, no caso, pela liberdade de cultos (A VENTAROLA, 16 set. 1888). Segundo a imprensa caricata pelotense, a monarquia constituía uma “árvore que não dá fruto”, pois estaria “velha e *carunchada*”, de modo que o certo seria “cortá-la pela raiz”. Levando em conta tal premissa, era apresentada a própria dama republicana a derrubar a “árvore monárquica” com um machado, além da sentença da folha de que, em tal situação “a questão é apenas de tempo” (A VENTAROLA, 26 maio 1889). A certeza da vitória republicana vinha também na forma de ilustração na qual a alegoria feminina orientava os caminhos da nau do Estado. Na concepção do semanário caricato, no “dia de amanhã”, poderia ser um “novo barco construído com os destroços do primeiro”, vindo a novel embarcação a levar o país “às praias do futuro”, por meio dos “verdadeiros paladinos da liberdade pátria” (A VENTAROLA, 27 out. 1889, p. 4).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL- RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



A simbologia feminina da república era inserida ainda nas disputas com os partidos tradicionais da época imperial. Foi o caso do desenho em que ela, a cavalo,

deixava para trás os representantes de liberais e conservadores, tratando-se do “caminho da *glória* para os políticos”, a partir da constatação de que, “em política, como em religião, só o tempo pode operar, discuti-las é quase que perder tempo”, ainda que fosse “sempre bom indicar-se ao viandante o melhor caminho” (A VENTAROLA, 23 set. 1888). Na mesma linha era apresentada uma “corrida em nosso *prado político*”, tendo tocado “a vitória ao *centauro rio-grandense*”, em alusão ao líder do partido liberal, ao passo que “chegou em segundo lugar *Pégaso*, guiado pela elegante amazona república”, restando a “a culatra”, para “o histórico burro de Buridan que, além de mal composto, não teve quem o guiasse na pugna”, em alusão aos conservadores, desgastados pelas cisões em seu seio (A VENTAROLA, 24 fev. 1889).



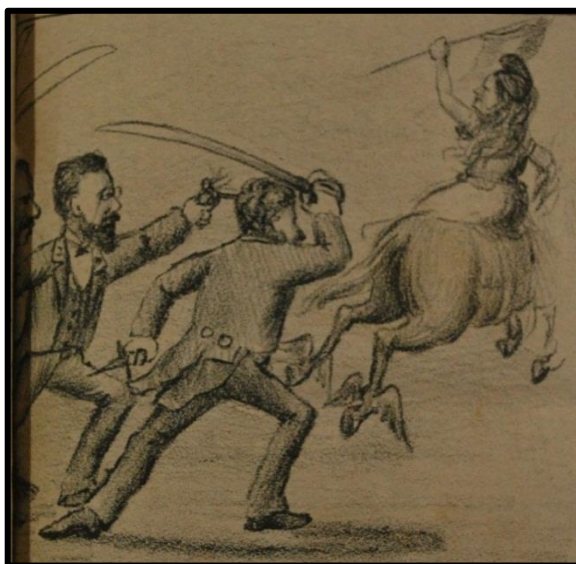
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



A república em seu formato feminino também apareceu enfrentando várias dificuldades. Uma delas foi representada pelos ataques realizados de parte de um político tradicional, que figurativamente teria amarrado a mulher-república a uma árvore, açoitando-a, ou mesmo segurando-a a força pelos ombros. Em resposta, a dama republicana apontava para o indivíduo em um esquife, ao considerá-lo como um “homem morto”, em termos de “patriotismo e caráter” (A VENTAROLA, 21 out. 1888). Ela também surgia fugindo em um cavalo alado, ao ser perseguida por homens armados com espadas, os quais pretendiam “ver se é possível dar um golpe à ideia democrática” (A VENTAROLA, 10 mar. 1889).



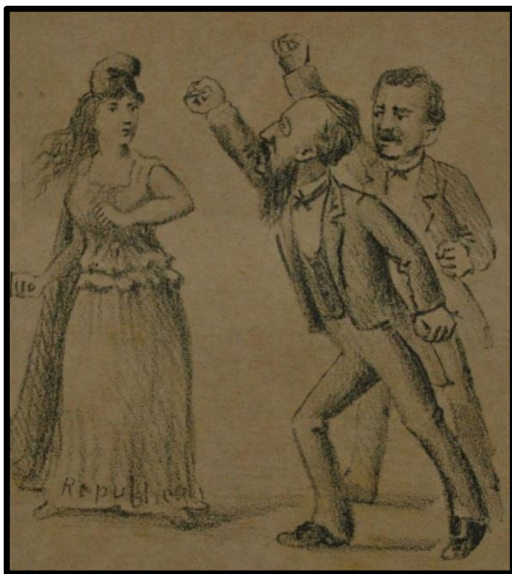
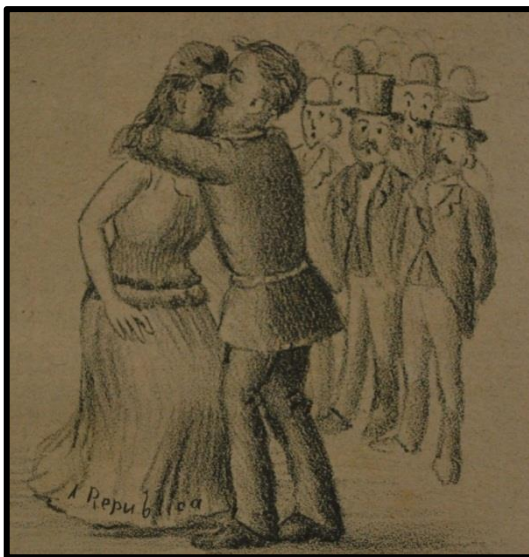
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



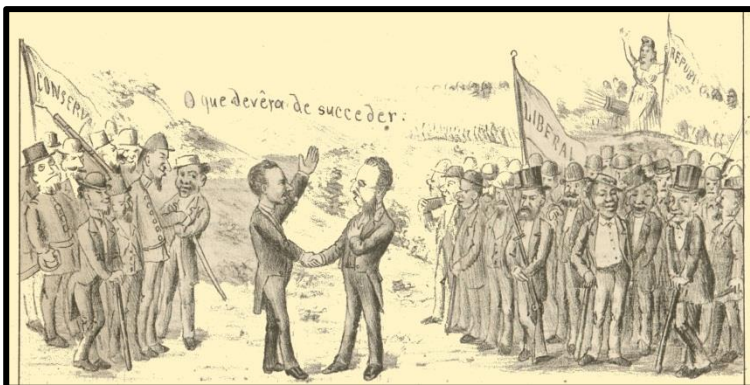
Ao mesmo tempo em que se opunha aos óbices do caminho, a dama do barrete frígio também encontrava novas adesões, como em caricatura na qual ela se embeleza em frente ao espelho, ajeitando a peça que cobria sua cabeça, havendo ainda na gravura a presença de uma série de instrumentos e utensílios alusivos aos adesistas, que teriam passado “com armas e bagagens para o partido republicano” (A VENTAROLA, 12 maio 1889). Diante do olhar reprovador de um publicista monárquico, um clérigo também aderiria à mudança na forma de governo, pronto para dar um abraço na mulher-república, mostrando “o padre, abandonando a monarquia e abraçado à república” (A VENTAROLA, 16 jun. 1889). Além disso, a folha criticava a postura de um jornalista abertamente monarquista, que estaria a mudar de lado, abraçando a dama republicana, vindo a publicação a considerar que tal atitude seria inaceitável, por ser “incompatível com a democracia ainda a mais adiantada” (A VENTAROLA, 30 jun. 1889). Ela também era representada como alvo dos protestos de políticos monárquicos, os quais não conseguiriam admitir “que chegara a época da decrepitude” do regime vigente, custando-lhes “acreditar que a democracia já esteja pesando na balança da política do país”, tratando-se apenas de uma “questão de tempo” (A VENTAROLA, 30 jun. 1889). O periódico prognosticava uma adesão dos conservadores ao republicanismo, se antepondo aos liberais, como um fato que auxiliaria a chegada da dama do barrete encarnado, anunciada com tiros de canhão (A VENTAROLA, 11 ago. 1889).

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



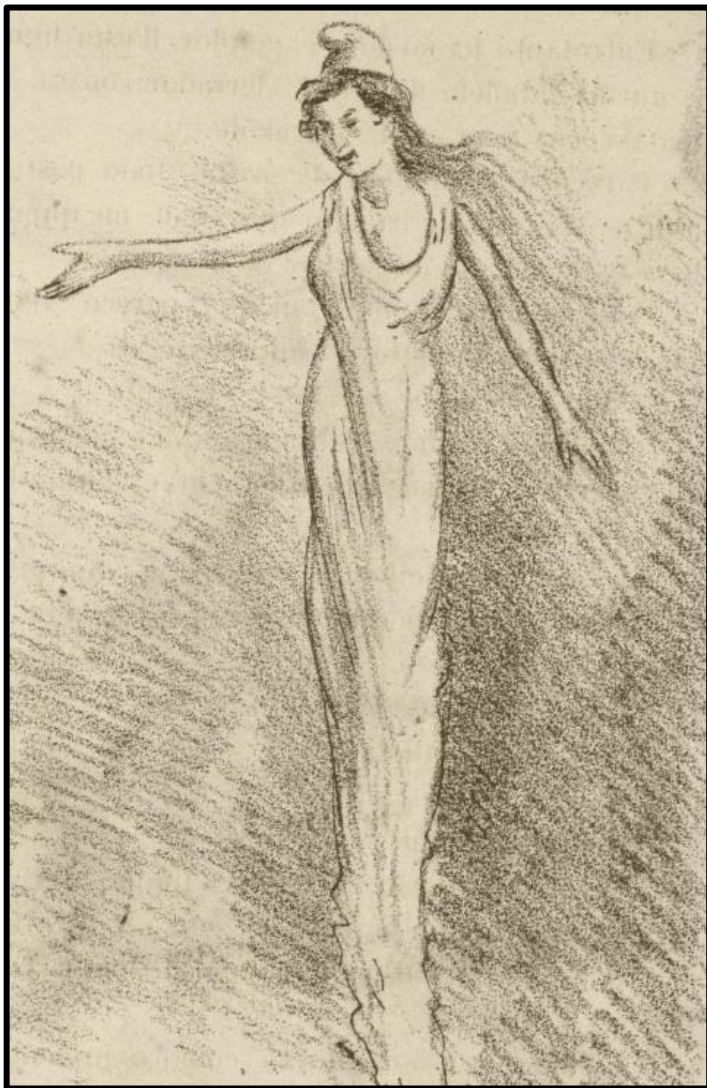


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

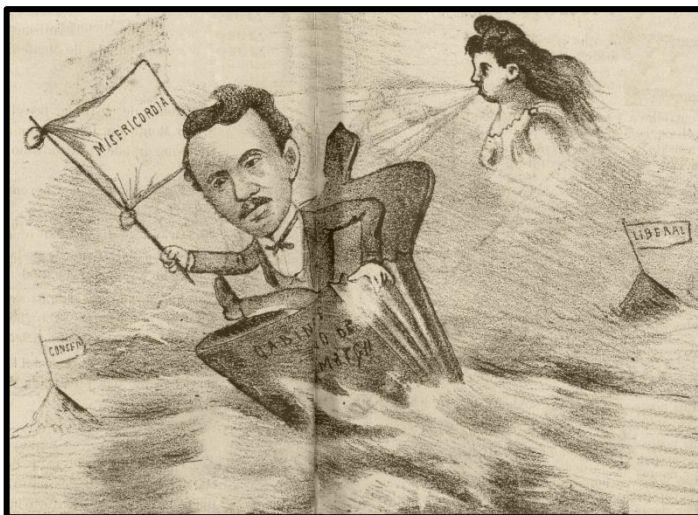


Após a abolição da escravatura, o *Bisturi* mostrava uma dama-república a anunciar um novo caminho, tendo em vista a insatisfação da aristocracia pela falta de indenização a partir da libertação dos escravos, vindo a anunciar que “A república cresce!...”. A figura feminina aparecia também como a soprar um fortíssimo vento que assolava indivíduo pertencente ao gabinete imperial e que navegava figurativamente em sua pasta, no meio de um mar bravio, em alusão às ásperas disputas entre liberais e conservadores, ainda que tivesse em mãos a bandeira da “misericórdia” (BISTURI, 22 jul. 1888). Já em data próxima à da proclamação da república, por ocasião das comemorações pelo desencadear da Revolução Francesa, demarcando-se o dia da queda da Bastilha, o periódico rio-grandino, perante o contexto de crise vivenciado pela monarquia, revelava que não parecia haver outros caminhos que não o da mudança da forma de governo, ao mostrar o bobo da corte, representação do próprio semanário, saudando a dama do barrete encarnado, que aparecia em uma imagem fulgurante. Em conclusão, a

folha dizia: “Na verdade, quer nos parecer que só esta é que nos poderá valer...” (BISTURI, 14 jul. 1889).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



A chegada da nova forma de governo foi entusiasticamente saudada pela imprensa ilustrada pelotense, significando a conclusão de uma luta que perdurara por mais de uma década. Nessa linha, *A Ventarola*, comemorava “a nova aurora que raiou para os nossos destinos de nação livre e civilizada”, a qual “teve as saudações delirantes de um povo inteiro”. A folha

exclamava um “Viva a república!”, considerando que , a partir dali, não haveria “um recanto da América onde não se ouça um hino de glória à república”. A ilustração trazia a dama republicana, com a nova bandeira à mão, sendo exaltada pelo povo que atirava seus chapéus para a figura feminina (A VENTAROLA, 24 nov. 1889). Tentando demonstrar que a forma instaurada em 15 de novembro se consolidava, ela surgia também tendo o caminho preparado pelos governantes, em ilustração acompanhada pelo comentário de que “o governo que felizmente nos rege vai alastrando de flores a estrada que tem de percorrer a nossa querida pátria” (A VENTAROLA, 8 dez. 1889).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



No Rio Grande, a ascensão republicana foi também recebida com entusiasmo. O *Bisturi*, de acordo com seus princípios liberais, mostrava a dama republicana sendo recebida pela figura indígena, como alegoria do povo brasileiro, mas imaginava a criação de uma república libertária. Nesse sentido, desejava: “Sejas bem-vinda deusa da liberdade, se é que vens inspirada no amor e felicidade da nossa querida pátria...” (BISTURI, 17 nov. 1889). Pouco depois da proclamação, em tempo de carnaval, o hebdomadário rio-grandino mostrava uma foliã com o rosto coberto e cuja fantasia incluía um barrete frígio. Tal figura feminina era identificada como “provocante e irresistível perfil”, ficando em aberto se ela se tratava de uma admiradora

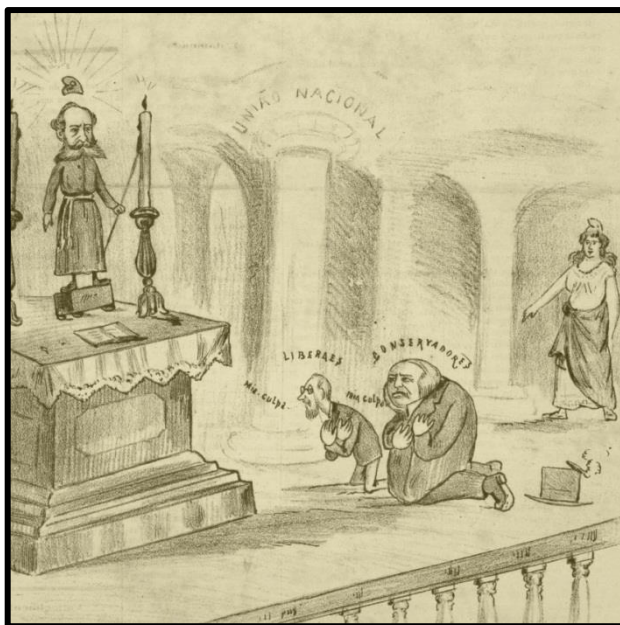
da nova forma de governo, ou se já surgiam algumas dúvidas quanto aos rumos do novo regime, como se fosse o reflexo do pensamento irônico e humorado da folha (BISTURI. Rio Grande, 16 fev. 1890).



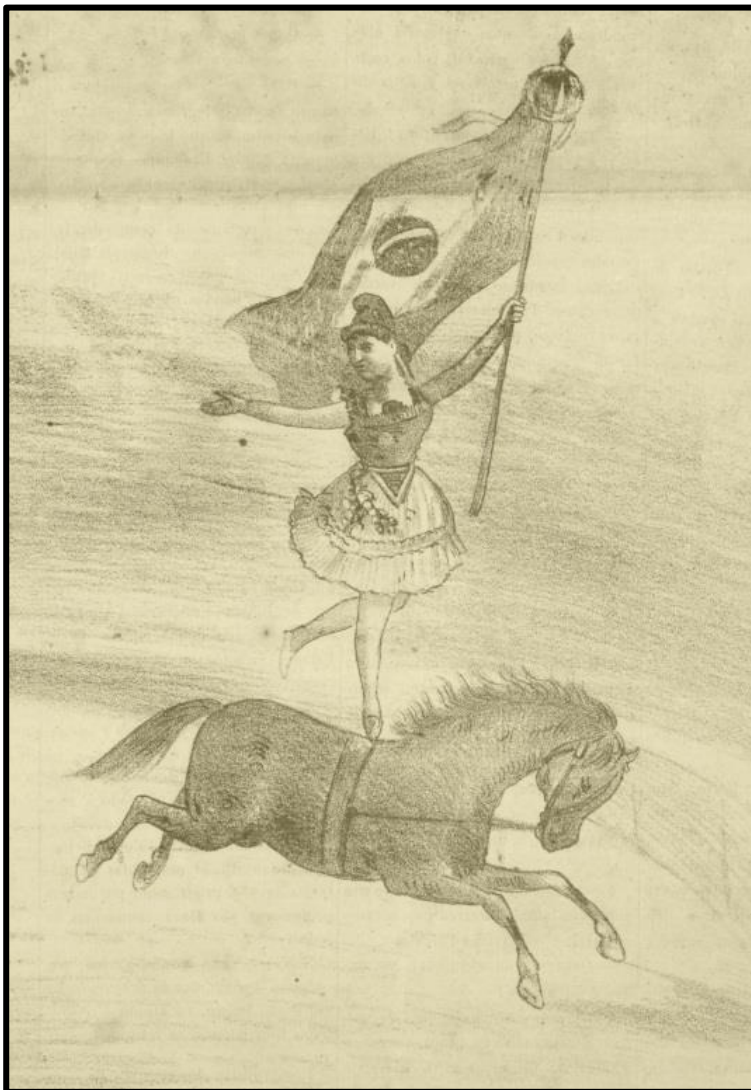
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



O crédito nos mantenedores na forma de governo permaneceu por algum tempo nas páginas do *Bisturi*, como ao trazer a dama republicana a apresentar os políticos que representavam os antigos partidos imperiais, ajoelhados diante do altar da pátria, no qual, o proclamador, Deodoro da Fonseca, surgia como uma imagem sacrossanta (BISTURI, 29 jun. 1890). Conclamando os cidadãos “às urnas”, o periódico demonstrava ainda acreditar nos rumos da nação a partir de um processo eleitoral, mostrando “a nova deusa republicana”, que continuava “risonha e feliz a descortinar os horizontes do porvir”, aparecendo a figura feminina como uma acrobata que, equilibrada, enfrentava as dificuldades (BISTURI, 14 set. 1890).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRADENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



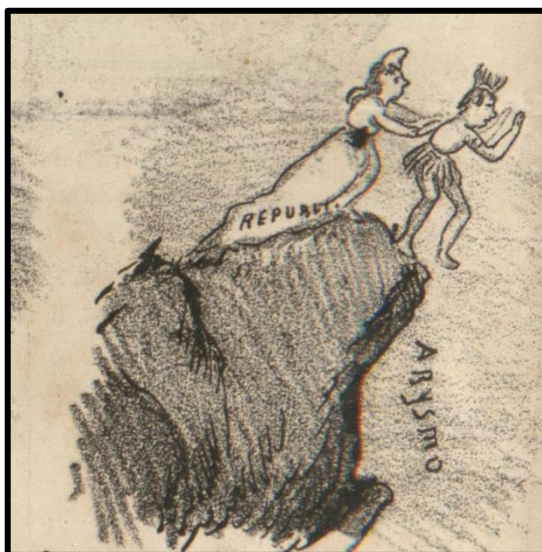
Muito cedo o *Bisturi* começaria a demonstrar sua insatisfação para com os novos governantes. Não eram manifestações antirrepublicanas, mas sim de oposição aos detentores do poder e os modelos que estes estavam colocando em prática, mormente quanto ao autoritarismo. Nessa linha, mostrava a dama republicana como uma figura magérrima, no alto de uma montanha, em direção a qual se deslocavam vários alpinistas, que representavam as diferentes tendências políticas que disputavam o poder. Perante o quadro, o semanário se referia à “voz uníssonos da nação”, que seria contrária aquela “nova Babel política” (BISTURI, 20 abr. 1890).



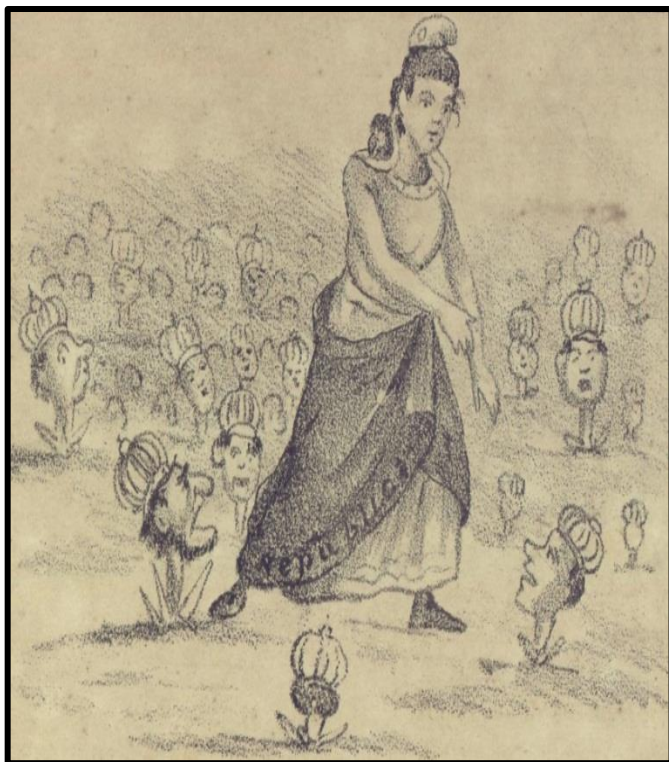
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

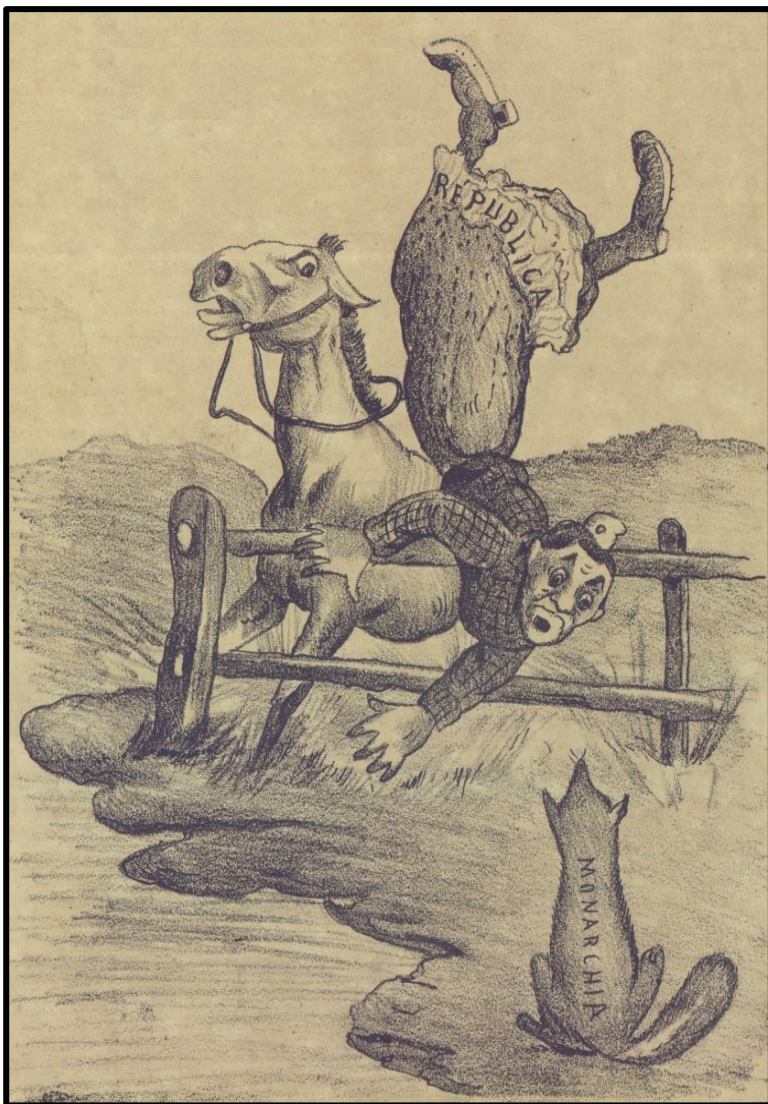
Com toda a conotação negativa que a posição sugeria, a dama republicana era representada também à beira do abismo, sendo assolada por todos os males que afligiam a nova forma de governo, levando em conta a figura usual da caricatura para tal designação, ou seja, os morcegos. A folha explicava que eram “muitos os vampiros que procuram interromper a marcha à viandante”, entretanto, “ela, visando à felicidade da pátria, prossegue tranquila e esperançosa o seu caminho glorioso” (BISTURI, 4 maio 1890). De maneira dúbia, o hebdomadário mostrava o índio/Brasil “automaticamente caminhando” para um abismo, ficando a dúvida se a alegoria feminina republicana estaria ali para segurá-lo ou para empurrá-lo (BISTURI, 18 jan. 1891). As possíveis ameaças à nova forma de governo eram identificadas também com a presença de anunciados movimentos restauradores. Foi o caso de uma jovem-república que via seu caminho obstaculizado por cogumelos identificados com a monarquia, pela presença da coroa, os quais se espalhavam pelo solo (BISTURI, 11 set. 1892). Ela também aparecia como uma negra que caía do cavalo, diante do susto que levava pela presença de uma raposa, identificada com a forma de governo decaída (BISTURI, 30 out. 1892). As ameaças externas também eram representadas pela folha rio-grandina, como foi o caso das disputas pela hegemonia subcontinental com a Argentina, a qual era simbolizada por uma serpente, com toda a sua conotação negativa, que se enrolava na dama republicana brasileira, asfixiando-a e pronta a devorá-la (BISTURI, 13 nov. 1892).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



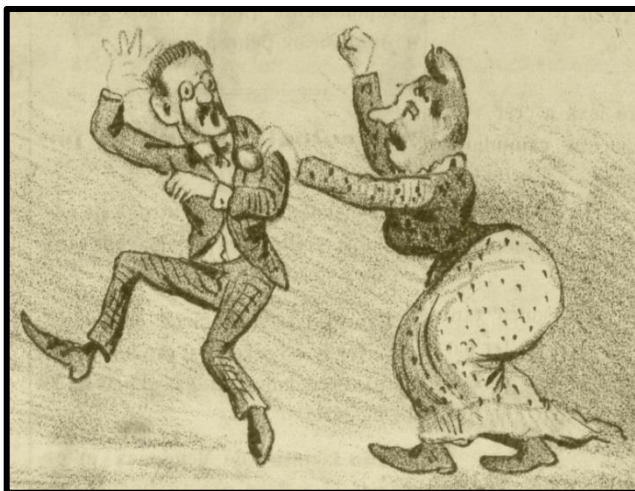


OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



Os desacordos do caricato rio-grandino com o autoritarismo governamental, ainda mais no caso do Rio Grande do Sul com o castilhismo, também ficaram demonstrados por meio da dama do barrete encarnado. Em uma dessas cenas, o periódico dizia que falar com os castilhistas seria o mesmo que “estar à frente de uma sogra muito feia, muito má, presumida, vaidosa e intrigante”, sendo que tal figura assumia o papel da mulher-república (BISTURI, 11 maio 1890). As desconfiças da folha para com o regime autoritário se refletiam sobre a alegoria feminina, como ao apresentar um bobo da corte estilizado que se espantava com a presença de tal imagem feminil, já envelhecida, apesar de jovem, pondo-se a vociferar contra tudo e contra

todos, diante do que a publicação apontava: “É que ele não a conhece, senão diria – Livra-te!” (BISTURI, 21 jun. 1891).



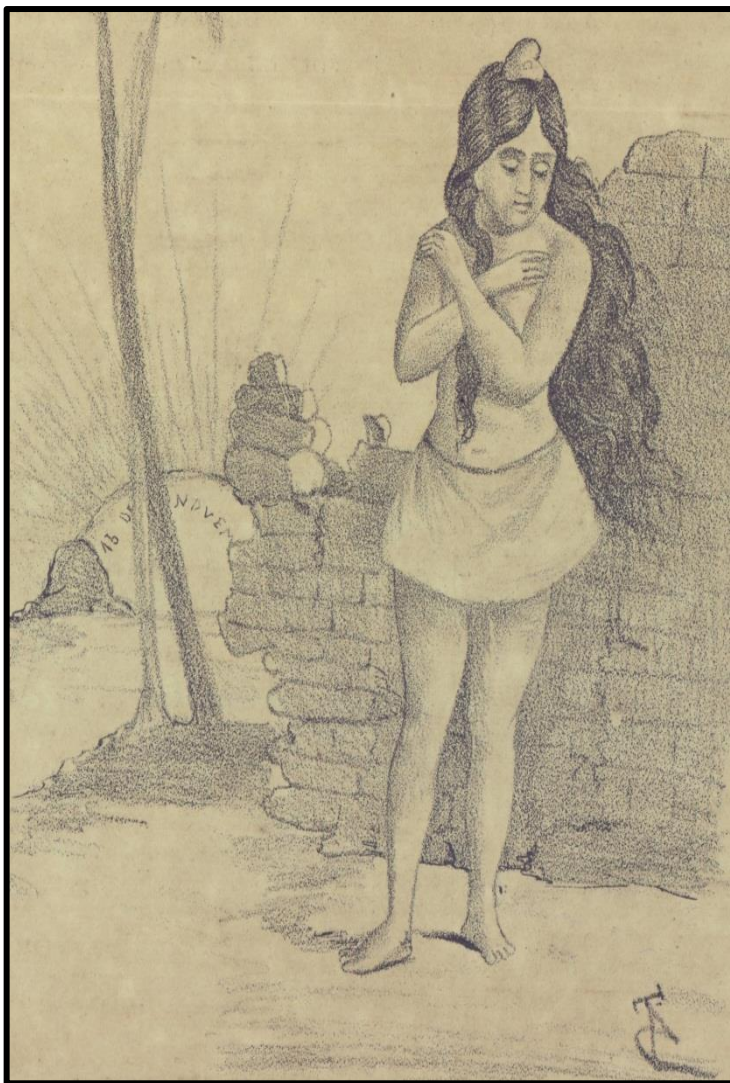
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

A república que deveria ter vindo sob uma aspiração libertária estaria cada vez mais distante disso, de acordo com a concepção do periódico rio-grandino. Tal olhar ficava evidenciado em caricatura na qual a mulher-república se prestava a aliar-se com os antigos detentores do poder, como era o caso do clero, fazendo o papel de cozinheira, que concordava com os gastos excessivos da “constituente”, com os “escândalos” que espocavam rotineiramente e com as “patotas” que se formavam em meio aos governantes. Segundo a folha, os novos homens de Estado estariam sendo pragmáticos em demasia, ao levarem em conta que seria “preciso cuidar da vida, ou mais claramente da barriga, porque é ela que tudo governa”, vindo a constatar que crescia ainda mais a “barriga da república”, na qual se “presume que tenha uma grande solitária” (BISTURI, 22 fev. 1891). O 15 de Novembro idealizado era visto como algo cada vez mais distante, representando como um sol que se punha, ao passo que a dama republicana aparecia seminua, portando um minúsculo barrete, frente a um muro em ruínas, em sinal de estar plenamente desprotegida, ante a ação dos detentores do poder (BISTURI, 21 ago. 1892). O barrete da tal dama aparecia ainda mais diminuto, quase que imperceptível, simbolizando a inexistência da almejada liberdade republicana, em um ambiente que lembrava as dívidas que tomavam conta do país e a corrupção desenfreada, aludidas a partir da lembrança dos malfeitos praticados na construção do canal do Panamá, com uma tabuleta que identificava não ser necessário ir tão longe para observar atos corruptos, uma vez que no próprio país estaria o “Panamá no Brasil”. No quadro, a alegoria feminina se fazia presente em desespero, escondendo o

próprio rosto em sinal de vergonha, com sua casa plenamente dominada por ratos, com toda a sua simbologia negativa, associada a um animal furtivo, e que a caricatura consagraria como representação recorrente dos roubos e desvios de verbas públicas. As ratazanas além de comerem o que viam pelo caminho, chegavam a subir no colo da república e inclusive esconder-se embaixo de seu vestido, em referência ao acobertamento governamental de possíveis crimes, de modo que a acusação não era apenas de que haveria negligência dos homens públicos, mas também conivência e associação com os malfeitores por parte de tais autoridades (BISTURI, 9 abr. 1893).



OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO





Assim os periódicos ilustrados e humorísticos das cidades de Pelotas e do Rio Grande bem demonstraram o processo histórico que levou de uma idealização da forma de governo republicana até um desencanto para com o modelo pelo qual ela foi edificada no Brasil. Enquanto as folhas pelotenses, desde um decênio antes da modificação política até a sua instauração, demonstraram a aspiração pelo novo regime, imaginando-o como uma alternativa libertária e

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

democrática em relação à monarquia, o representante da imprensa caricata rio-grandina também imaginou uma república “em nome da liberdade”, mas, logo em seguida viria a decepção para com os moldes autoritários que ela foram impostos. Dessa maneira, da perspectiva idealizada, viria a surgir a versão paródica da dama republicana, que, de elegante e solene viria a transformar-se em outra, mundana, corrompida ou sedutora²⁷. Nessa linha, a caricatura trouxe consigo algumas representações idealizadas acerca daquilo que pretendia apresentar, mas também carregou consigo o traço, o desenho, a gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica²⁸. Tal caminho foi percorrido por o *Cabrion*, *A Ventarola* e o *Bisturi*, cada qual simbolizando a dama republicana da idealização à desilusão para com a alegoria feminina.

²⁷ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 313.

²⁸ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63.

O primeiro aniversário da república em uma revista acadêmica gaúcha: o espaço da escrita feminina

A comemoração de efemérides tornou-se uma tradição ao longo da formação histórica brasileira e sul-rio-grandense. A passagem de datas específicas alusivas a determinados fatos e personagens foram recorrentemente festejadas, de acordo com as inclinações político-ideológicas, socioeconômicas e/ou religiosas de quem se propunha a celebrar. Algumas dessas ocasiões viriam a ganhar ainda mais força, transformando-se naquilo que se convencionou denominar de datas nacionais. Tal fenômeno se verificaria com o dia 15 de novembro de 1889, que se transformaria da data consagrada à proclamação da república, passando a constituir inclusive feriado nacional.

Já no primeiro ano de passagem da mudança na forma de governo brasileira, espocariam celebrações diversificadas ao longo do território nacional. Tais comemorações vinham ao encontro dos novos detentores do poder no sentido de enaltecer a república em meio à memória social, bem como extirpar ao máximo as lembranças referentes ao regime decaído. De acordo com tal perspectiva a União Acadêmica do Rio Grande do Sul, com sede na Escola Militar de Porto Alegre, dedicou o nono número, de novembro de 1890,

da *Revista da União Acadêmica* para a “comemoração ao 15 de Novembro”.

Tal publicação tinha uma forte influência positivista, bem de acordo com a linha doutrinária que dominava o Partido Republicano Rio-Grandense e, ainda mais, de sua principal liderança, Júlio de Castilhos, responsável pela edificação do modelo autoritário, exclusivista e personalista que dominaria o Rio Grande do Sul por praticamente toda a República Velha. Além das posições veiculadas em suas páginas, do pertencimento ou simpatia de alguns dos integrantes da União Acadêmica ao castilhismo, os vínculos da *Revista da União Acadêmica* com tal grupo poderiam ser detectados a partir da sua impressão nas Oficinas Tipográficas de *A Federação*, órgão jornalístico de cunho político-partidário que sustentou a causa castilhista por décadas.

Criada a 8 de dezembro de 1888, em Porto Alegre, a União Acadêmica, segundo seus idealizadores, reunia “um grupo de moços dispostos a todos os sacrifícios em prol da cultura do espírito, nos termos da ciência e da literatura”, os quais sabiam “perfeitamente que a ilustração é a luz que leva o povo à sua mais alta felicidade”. Eles teriam agido no sentido de fundar uma “associação com o fim único de desenvolver a mentalidade de seus associados por meio da imprensa”, considerada como o “grande braço social e da tribuna”, ou seja, “o rútilo sol das inteligências”. Após um ano de existência a União fez circular a sua *Revista*. Em maio de 1891, a “associação apresentava-se florescente” e “seus associados” eram “todos acadêmicos da Escola Militar”, para em seguida passar por significativa crise, com a “desorganização completa do grêmio, deixando-o quase

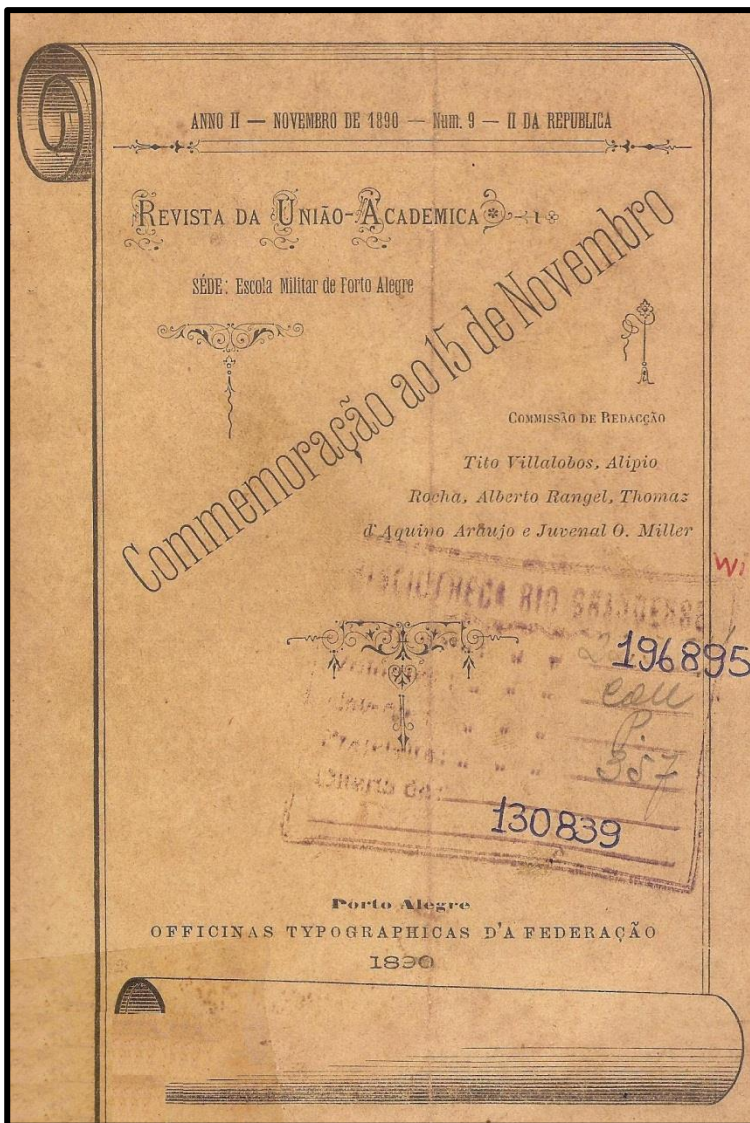
OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

extinto". Aos poucos houve uma recuperação, inclusive com a retoma da edição da *Revista* (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, mar. 1893).

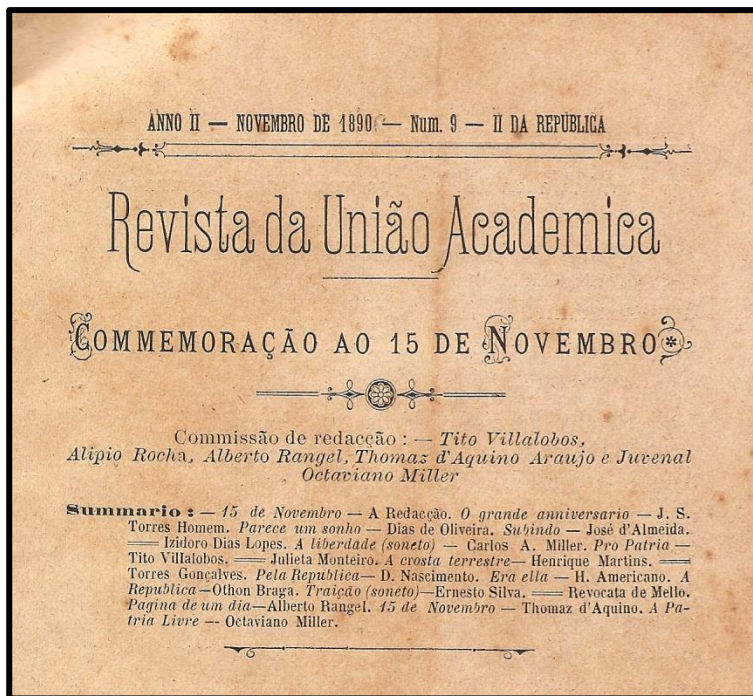
Por ocasião da fundação da *Revista da União Acadêmica*, seus redatores demarcavam que estavam a "satisfazer uma exigência dos estatutos que regem a sociedade União Acadêmica", encetando a edição do periódico. Na concepção de seus fundadores, tal publicação serviria "para auxiliar àqueles que a quisessem ler, principalmente aos alunos da Escola Militar, facilitando-lhes o estudo das diversas ciências", fosse "por meio de notas tomadas nas aulas e organizadas pelos mais habilitados companheiros", fosse "pelo estudo poderoso, obsequiosamente" prestado pelos "mais provectos professores". A *Revista* buscava também oferecer "suas colunas a todos que as quisessem honrar com o fruto de seus talentos e estudos", de modo que ela atuasse como uma "apropriada arena onde poderão fazer suas primeiras armas, os que sonham com a tão cobiçada glória de escritor, literato ou jornalista". O plano adotado pelos idealizadores levava-os a dividir a publicação "em duas partes distintas, uma literária e outra científica", de maneira a "obrar de acordo com a opinião dos mais sábios educadores", ao aconselharem que, "para boa orientação do espírito, se faça a par do estudo das ciências, o estudo da literatura". O escopo do periódico vinha assim ao encontro da premissa pela qual "não é só a inteligência que deve trabalhar e desenvolver-se", sendo fundamental que o aluno trabalhe e "expand a imaginação e a sensibilidade", pois, "só assim" ficaria "completa a educação intelectual" (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, 13 maio 1889).

Nessa linha, a *Revista da União Acadêmica* circulou a partir de maio de 1889, abordando temas como civismo, biografias, práticas militares, narrações históricas, disciplina militar, e também assuntos escolares, como matemática e gramática e ainda criações literárias, como crônicas e poemas. O número especial referente à comemoração do primeiro aniversário republicano contou com autores diversos, grande parte deles ligados à própria União Americana e à Escola Militar. Alguns deles viriam a ocupar posições relevantes no status quo político, intelectual e/ou militar sul-rio-grandense, muitos dos quais afiliados ao regime castilhista. Foram também convidados outros nomes da intelectualidade gaúcha para compor o quadro de colaboradores.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



- capa da Revista da União Acadêmica -



- frontispício da *Revista da União Acadêmica* -

Dentre as colaborações do número especial da *Revista da União Acadêmica* comemorativo ao primeiro aniversário da república estiveram duas representantes da escrita feminina sul-rio-grandense – Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. Além da própria condição de gênero, a presença das duas destoava do conjunto de colaboradores, em grande parte vinculada ao grupo castilhista que progressivamente conquistava a hegemonia política no Rio Grande do Sul. Elas, ao contrário, orientaram suas condutas ideológicas por uma aproximação maior com o ideário liberal e, passado algum tempo, se colocariam inclusive na oposição ao

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

castilhismo. Assim, a presença das escritoras estava mais vinculada ao papel intelectual por elas representado, como literatas e jornalistas, que já haviam conquistado significativo renome no contexto sul-rio-grandense, e que viriam a ampliar tal alcance para a conjuntura nacional e até internacional, de modo que a inserção de seus textos servia para dar maior prestígio e notoriedade à publicação acadêmica.

O caráter predominante da *Revista* foi o laudatório, como explicavam seus próprios redatores que, já na abertura declaravam que “está de parabéns a pátria brasileira”. Consideravam que a nação estaria “emancipada do torpe regime dos áulicos, não tendo mais a lhe oprimir os ombros a carga da vetusta realaleza”, vindo a seguir “desassombrada, pelas veredas do futuro, em busca dos progressos prometidos pela forma governamental instituída brilhantemente a 15 de novembro de 1889”. Segundo eles, “todos sabem o que foi essa revolução grandiloqua”, pois “ainda está presente em todas as memórias a lembrança do abalo causado no país por essa grandiosa explosão de patriotismo”, o qual fizera “ruir por terra, entre os aplausos do mundo civilizado, o caliginoso alcáçar onde tripudiava, irrisória, a grei bragantina”. Narravam ainda que, “acumuladas as pressões diariamente impostas pelos corifeus insensatos da decrépita instituição, acumulados os ódios e rancores” promovidos “pela imperícia dos palinuros monarquistas”, seria “infalível o estourar da mina”, a qual teria explodido sem “que os partidários retrógrados sofressem reações duras e cruéis” (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, nov. 1890).

De acordo com a redação da *Revista*, com o 15 de Novembro, os brasileiros teriam dado “à História o maior exemplo de grandeza de alma”, de maneira que seria “de toda a justiça que a data hoje comemorada em todos os ângulos da pátria idolatrada entre a formar a mais brilhante constelação do firmamento”. Os redatores identificavam-se com a causa em pauta, ao apontar para si mesmos como “aqueles que de há muito tinham assentado a tenda guerreira nos arraiais republicanos” e também “que tiveram a precisa abnegação de ir pelejar à sombra do pavilhão da liberdade, tudo envidando por ele”. Levando em conta tais princípios, eles consideravam que não poderiam “ficar silenciosos”, ou “calar o contentamento que lhes vai no coração, ao ver definitivamente realizado o objetivo de suas nobres ambições”. O intento da publicação ficava ainda mais evidenciado com a declaração de que “é esta a razão porque vimos livres, na pátria livre, saudar os valentes lutadores da república” e “os fatores da incruenta revolução”. Ao final, os redatores exortavam: “Benditos sejais vós, heroicos reciários da grande causa. Caia-vos sobre as cabeças as flores do nosso respeito e veneração. Parabéns à pátria” (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, nov. 1890).

A maioria dos textos que compunham a edição especial vinha exatamente ao encontro do espírito encomiástico predominante. Nesse sentido, dentre as colaborações, foram apresentados os títulos “O grande aniversário”, “Parece um sonho”, “Subindo”, “A liberdade”, “Pró-Pátria”, “Pela república”, “Era ela”, “A república”, “Página de um dia”, “15 de Novembro” e “A pátria livre”. Já os breves textos publicados por Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, os quais não

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

apresentavam títulos, destoavam de tal tom panegírico, surgindo como uma discrepância em relação ao conjunto da maior parte dos escritos incluídos na *Revista*.

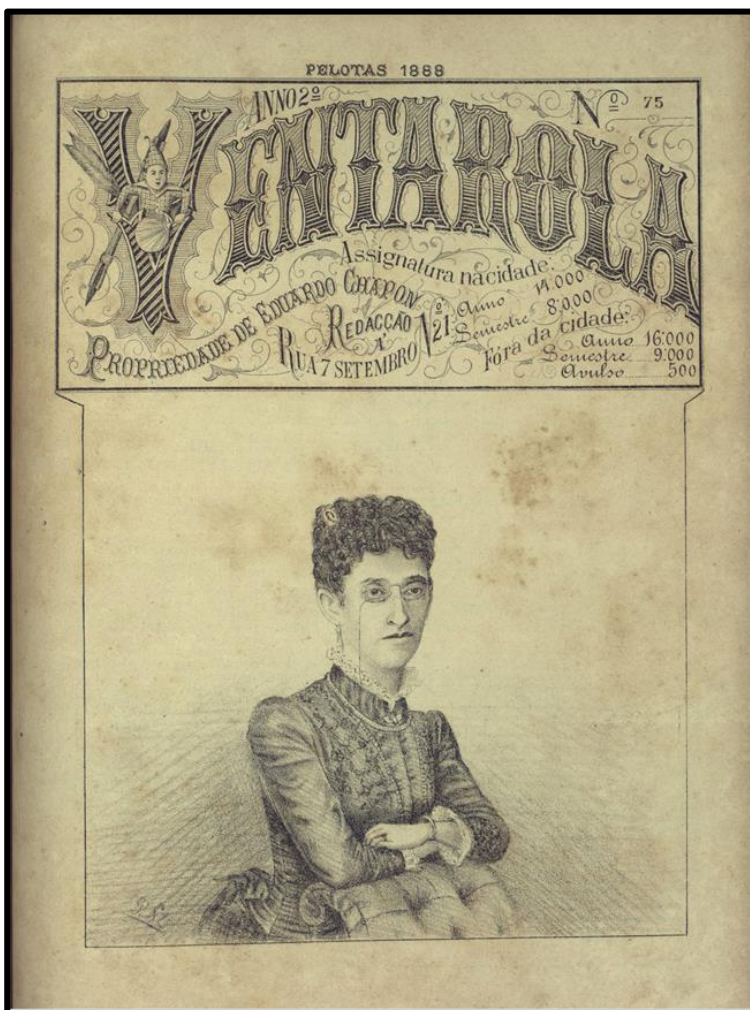
Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) foi professora, jornalista, poetisa, prosadora e teatróloga, tendo contribuído com textos para vários jornais, almanaques e publicações comemorativas, além de publicar os livros *Folhas errantes* (1882), *Coração de mãe* (coautoria com Julieta, 1893) e *Berilos* (coautoria com Julieta, 1911). Julieta de Melo Monteiro (1855 – 1928) também atuou como professora, jornalista, poetisa, cronista, contista, memorialista e teatróloga, tendo igualmente colaborado com periódicos representantes de variados gêneros jornalísticos e publicou os livros *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1892), *Coração de mãe* (coautoria com Revocata, 1893), *Alma e coração* (1898), *Berilos* (coautoria com Revocata, 1911) e *Terra Sáfara* (obra póstuma, 1928)²⁹. A carreira das irmãs Melo teve

²⁹ A respeito das escritoras, observar: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1899, v. 5, p. 242-244; e 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1737-1902). 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 313-314.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 314 e 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 350-351 e 464.; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 173.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses* (1834-1951). Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 143 e 185.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362 e 375.; MELO,

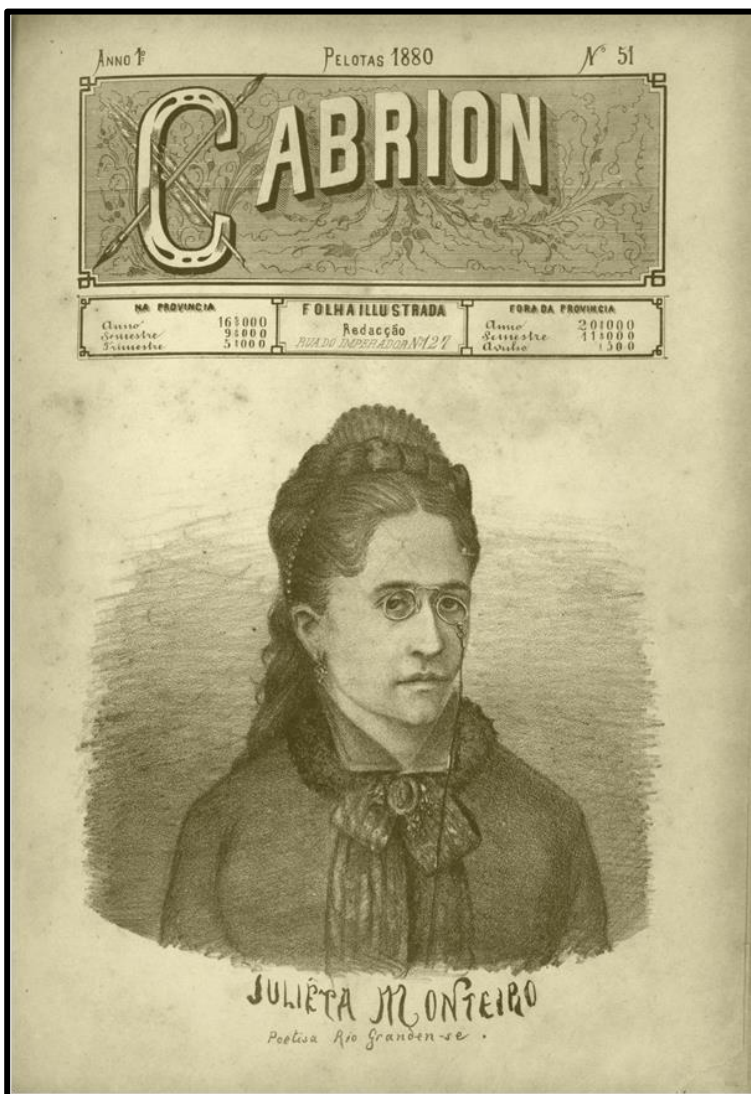
um de seus pontos altos nas lides jornalísticas. Julieta editou o periódico *Violeta* (1878-1879), um dos precursores da imprensa feminina sul-rio-grandense, o qual teve em Revocata a principal colaboradora. Já Revocata publicou o *Corimbo* (1883-1944), um dos mais longevos representantes do jornalismo feminino brasileiro, em que Julieta teve participação efetiva como colaboradora e correitora.

Luís Correia de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 83 e 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexito, 1987, t. 2. p. 143-146 e 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967. p. 904 e 936-937.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319 e 892-902.; SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 308 e 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 38-39 e 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918. p. 72.; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956. p. 701-702.; VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313 e 325.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991. p. 152-153 e 158.

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-
RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO



- retrato de Revoca Heloísa de Melo
(VENTAROLA. Pelotas, 2 set. 1888) -



- retrato de Julieta de Melo Monteiro
(CABRION. Pelotas, 25 jan. 1880) -

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

Ao longo de sua existência, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro atuaram como intelectuais militantes, colocando-se com ativas defensoras de determinadas causas. Uma das bandeiras das escritoras foi a literatura, tendo elas atuado decisivamente na difusão da arte literária, mormente por meio da imprensa. Elas também agiram em prol da abolição da escravatura, por meio de campanhas recorrentes e chegando a fundar um clube abolicionista. Tiveram ainda um papel decisivo no combate à pobreza, promovendo atividades e tendo participação decisiva na ação de um clube beneficente voltado a atender desvalidos, principalmente mulheres e seus filhos. Uma das causas fundamentais por elas ardorosamente defendida foi a da emancipação feminina, propondo um novo lugar social para a mulher, notadamente por meio da educação feminil. Além disso, as irmãs Melo tiveram importante papel no bloco político-intelectual que se opôs ao castilhismo, combatendo a ditadura que dominou o Rio Grande do Sul por vários decênios.

Especificamente quanto à implantação da forma republicana em novembro de 1889, elas se mostraram reticentes, como expressou editorial publicado no *Corimbo*, no qual preferiram limitar-se “apenas a noticiar a nossos leitores que está fundada a República dos Estados Unidos do Brasil, sob o Governo Provisório do bravo marechal Deodoro da Fonseca”, contando o ministério com “vultos notáveis com Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa”. Sem deixar de demonstrar admiração pelo soberano decaído, lembravam “que o sábio, popular, bom e inolvidável brasileiro D. Pedro de Alcântara, imperador destronado, deixou a pátria em direção à Europa”. Destacavam também “que a nossa

cara província tem à frente de seus destinos o valente visconde de Pelotas”, o qual “já fez a sua proclamação ao povo rio-grandense, baseada em termos claros, criteriosos e persuasivos”. Segundo a redação, cabia a partir de então, “seguir com vivo interesse os novos horizontes da estremecida pátria, na ideia de que a mulher não precisa arregimentar-se à política”, de modo a “compreender e sentir a sublimidade da palavra patriotismo, para bater-lhe o coração com ânsia, toda a vez que o país natal passe por estas grandes transições” a que estavam “sujeitas as nações e os homens” (CORIMBO, 24 nov. 1889).

Progressivamente, a postura das irmãs Melo quanto aos rumos políticos do país iriam passar da dúvida para a desconfiança e essa tendência ficou bastante expressa em suas manifestações apresentadas no número alusivo ao segundo aniversário da república da *Revista da União Acadêmica*. Revocata de Melo preferiu manter uma postura mais ambígua, optando por exaltar que a transição política ocorrera sem violência:

“Quinze de novembro sintetiza a conquista sem luta, a posse sem arbitrariedades, sem sangue, sem brutais manejos; o triunfo do povo sem os horrídeos cenários apresentados pela história das guerras fraticidas; uma revolução abençoada pelo gênio da paz, onde o tinir das armas, o choque dos canhões, os ecos de rebato, foram substituídos pelos lampejos da palavra e da pena, em junção aos lauréis de valorosas espadas; tríplice aliança que apareceu à aflita pátria, prometendo-lhe o abençoado ramo de oliveira.” (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, nov. 1890)

OS PRIMÓRDIOS DA REPÚBLICA E A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE: DOIS ESTUDOS DE CASO

Já o texto da lavra de Julieta de Melo Monteiro para a edição especial da *Revista da União Acadêmica* foi mais direto no sentido de ter almejado uma república libertária e não autoritária, sem deixar de buscar a valorização do papel social feminino:

“Quando nós, as mulheres, pronunciamo-nos sobre política, os homens deixam perceber um risinho irônico que, valha a verdade, vem muito a propósito, atendendo-se ao reconhecido atraso de nosso sexo no Brasil, para tratar do assunto de tanta transcendência.

E é para não sermos alvo desse riso zombeteiro, que nós não ousamos externar a nossa humílima opinião sobre a novel República Brasileira.

Parece-nos, no entanto, muito cedo para festejarmos, por não se terem ainda manifestado os prometidos cometimentos em prol do país.

Nós, como José do Patrocínio, *queremos a república como fórmula de progresso e não para satisfação demagógica dos poderosos*, portanto, se ela veio anunciar-nos um futuro risonho, uma era de prosperidade para a pátria, saudemo-la com entusiasmo no dia de hoje e façamos votos pela sua existência; se, porém, veio tão somente para realizar as aspirações de alguns, conservando-nos estacionários na senda em que nos deixou o decaído regime, chamemo-nos ao silêncio e esperemos a pé firme os acontecimentos do futuro” (REVISTA DA UNIÃO ACADÊMICA, nov. 1890)

Em seus respectivos textos, cada qual com seu estilo mais específico, as irmãs Melo não vieram ao encontro de praticamente o conjunto das colaborações da *Revista da União Acadêmica*. Entre os colaboradores, muitos deles afinados com o regime castilhistas em formação, preferiram a abordagem louvaminheira, voltada essencialmente a enaltecer não só a nova forma de governo, como também aos seus autoritários governantes. Revocata de Melo, mais sucinta e lacônica, preferiu dar destaque ao modo pacífico da implantação republicana, ao passo que Julieta Monteiro lançava dúvidas sobre os rumos que a nova forma de governo viria a tomar. Apesar de tais posições, os redatores não abriram mão da presença das escritoras em sua revista, tendo em vista a autoridade intelectual que elas representavam, a qual trazia certa legitimidade à publicação. As manifestações desconfiadas de Revocata e Julieta já davam indícios da postura que viriam a promover nos anos seguintes, quando romperam com o autoritarismo governamental, colocando-se na oposição, mormente contra o castilhismo, vindo a constituir a força da resistência por meio da escrita feminina.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 060074
ISBN: 978-65-5306-007-4